

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Programa de Pós-graduação em Letras-Linguística

REFLEXÕES SOBRE A GAGUEIRA: CONCEPÇÕES E ATITUDES DOS PROFESSORES

Dissertação apresentada ao Curso de pós-graduação em Letras-Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Mestre em Letras-Linguística.

MARTA MARIA CHIQUETTO

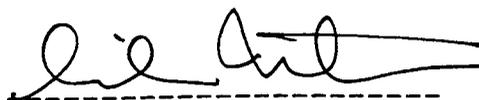
Florianópolis, 1992

Orientador: Professora Doutora Leonor Scliar-Cabral

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de

MESTRE EM LETRAS-LINGUÍSTICA

Área de Linguística Aplicada e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Letras-Linguística.



Dr. Giles Lothar Istre
Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Letras-Linguística.

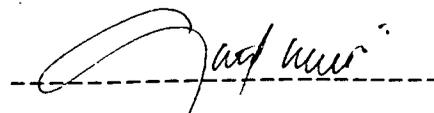


Dra. Leonor Scliar-Cabral^h
Orientadora

Banca examinadora



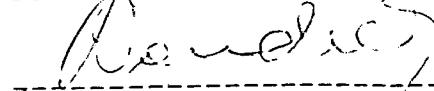
Dra. Leonor Scliar-Cabral
Orientadora



Alfredo Tabith Júnior-Mestre



Dr. Hilário Bohn



Dr. Paulino Vandresen

Aos meus pais
Ao Norberto

Agradecimentos:

A Professora Doutora Leonor Scliar - Cabral pela orientação dedicada e pela sua postura acolhedora e respeitadora com sua orientanda.

Ao psicólogo Oscar Mário Reymundo pela sua rica e indispensável contribuição nas reflexões deste trabalho.

As fonoaudiólogas Inês Maia Ribeiro e Myrtha Hebe Chokler pela disponibilidade em discutir sobre o tema desta dissertação e por suas contribuições bibliográficas.

A bibliotecária Maria Gorete M. Savi, da Biblioteca Universitária da UFSC, que me auxiliou nas referências bibliográficas.

As reeducadoras da rede municipal de Florianópolis, diretores e orientadores educacionais que facilitaram meu acesso aos professores.

Aos professores que se dispuseram a colaborar respondendo os questionários, as entrevistas e permitindo meu acesso a suas salas de aula.

Aos meus irmãos Tonzé e Marcos pelo auxílio na digitação e impressão desta dissertação.

As minhas irmãs Miriam e Mônica, à minha amiga Lilian pelo apoio e incentivo durante as etapas deste trabalho.

A Capes, pelo auxílio incentivo na forma de bolsa de estudo.

A todas as pessoas que a seu modo colaboraram neste trabalho.

INDICE

| | |
|---|------|
| Resumo..... | vii |
| Abstract..... | viii |
| 1. INTRODUÇÃO..... | 1 |
| 2. JUSTIFICATIVA..... | 3 |
| 3. REVISÃO DA LITERATURA..... | 8 |
| 3.1. Definições e referências sobre a gagueira..... | 10 |
| 3.1.1. Gagueira é apenas apresentar repetições, hesitações, prolongamentos e bloqueios na fala?..... | 10 |
| 3.1.2. Outras características..... | 14 |
| 3.1.2.1. Truques e estereótipos..... | 15 |
| 3.1.2.2. Atitudes involuntárias e descoordenação dos órgãos periféricos da fala..... | 16 |
| 3.1.2.3. Aspectos emocionais..... | 18 |
| 3.1.2.4. Integridade dos órgãos fonoarticulatórios e papel do interlocutor..... | 21 |
| 3.1.2.5. Tensão muscular..... | 23 |
| 3.2. Etiologia..... | 24 |
| 3.2.1. Breve reflexão sobre o papel da etiologia..... | 24 |
| 3.2.2. Hipóteses..... | 27 |
| 4. METODOLOGIA..... | 46 |
| 4.1. Levantamento e análise quantitativa dos conteúdos pesquisados..... | 48 |
| 4.1.1. Questões 1 e 2..... | 48 |
| 4.1.2. Questões 5 e 6..... | 51 |
| 4.1.3. Questão 7..... | 52 |

| | |
|--|-----|
| 4.1.4. Questão 8..... | 52 |
| 4.2. Levantamento e análise qualitativa dos conteúdos pesquisados..... | 53 |
| 4.2.1. Questionários..... | 54 |
| 4.2.1.1. Reconhecimento da gagueira..... | 54 |
| 4.2.1.1.1. Diagnóstico diferencial entre gagueira e taquifemia..... | 59 |
| 4.2.1.1.2. Diagnóstico diferencial entre gagueira e outras disfluências | 61 |
| 4.2.1.2. Atitudes com a criança que gagueja..... | 62 |
| 4.2.1.2.1. Sugestões de autores a pais e professores..... | 71 |
| 4.2.1.3. Dúvidas com relação à gagueira..... | 76 |
| 4.2.1.4. Sugestões e colocações feitas pelos professores..... | 84 |
| 4.2.2. Entrevistas e observações em sala de aula..... | 85 |
| 5. CONCLUSÕES..... | 99 |
| 6. ANEXOS..... | 102 |
| 6.1. Questionários..... | 103 |
| 6.2. Entrevistas..... | 110 |
| Referências bibliográficas..... | 133 |

RESUMO

O presente trabalho busca propor reflexões a cerca da gagueira, a partir de uma pesquisa realizada com professores - participantes ativos do universo da criança - de primeira série do primeiro grau de escolas públicas e privadas do município de Florianópolis.

A metodologia utilizada constava de questionários, entrevistas e observações em sala de aula.

Foi constatada, na revisão bibliográfica, uma grande diversidade teórica e a mesma diversidade foi encontrada nas hipóteses formuladas pelos professores.

Percebeu-se, também, que alguns dos professores têm um conhecimento sobre a gagueira e que necessitam discuti-lo e embasá-lo.

Para outros, parece haver alguma dificuldade em identificar a gagueira dentre outras patologias da linguagem.

ABSTRACT

The aim of this study is to make some reflections on the problem of stuttering, based on research carried out with first-grade teachers (active participants in the children's universe) in public and private schools in Florianópolis.

The methodology used was questionnaires, interviews and observations in the classroom.

In the bibliographic review, a great theoretical diversity was noted, and the same diversity was found in the hypotheses formulated by the teachers.

It was perceived, too, that some teachers have a knowledge about stuttering and that they feel a need to discuss it and theorize about it.

For others, there seems to be some difficulty in the identification of stuttering within other language pathologies.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo do trabalho aqui proposto é o de elucidar um pouco mais uma patologia que tem gerado diversas controvérsias e interrogações entre os vários autores que relatam sobre ela. Também os fonoaudiólogos compartilham dessas interrogações e, a partir deste trabalho, verifiquei que professores comumente partilham dessas questões.

Essa patologia é a **gagueira**.

Segundo referências de vários autores e profissionais, os adultos com gagueira costumam relatar momentos importantes de sua infância com relação a situações de gagueira. Considero, portanto, bastante pertinente olhar para aspectos que fazem parte desse período da vida como: os orgânicos, maturacionais, cognitivos, ambientais e emocionais. Fazem parte do processo, onde se desenrolam esses aspectos, a família e a escola. Elegi então para este trabalho um estudo mais centrado na escola, mais especificamente no professor.

A partir de questionários e entrevistas com os professores e de observações em sala de aula, pretendo propor reflexões e não respostas, com o desejo de poder enriquecer o nosso conhecimento

sobre o que se passa ao redor dessa patologia, a gagueira, e assim poderemos compreendê-la mais e melhor passando a lidar com ela de uma forma diferente e, por que não, mais tranqüila.

2. JUSTIFICATIVA

Pensando no universo escolar de uma criança onde todas as pessoas da escola (professores, diretores, funcionários e alunos) atuam formando esse universo, seria bastante interessante e rico fazermos uma trajetória percorrendo-o e explorando o imaginário desses componentes, atores desse universo, em tudo aquilo que diz respeito à gagueira: hipóteses, supostas causas, tratamentos.

Qual a relação da instituição escola com a gagueira?

No entanto, para este trabalho, foi escolhido apenas um dos atores: o professor, por ser quem tem um contato mais próximo e, por um espaço de tempo maior, com a criança. Tal escolha não exclui absolutamente a importância dos outros que fazem parte desse grupo escolar como um todo, pois todos formam uma rede de vínculos e interações que funciona de uma maneira bastante dinâmica. Todos os componentes são fundamentais para esse funcionamento, se analisarmos esse funcionamento sob um enfoque grupal.

Uma vez escolhido o professor, utilizarei como base para explanação, o seguinte pensamento de Friedman (1983): a criança se desenvolve no seu contato com o mundo através da relação com os outros que serão os mediadores na construção das suas imagens da

realidade. Esses mediadores, chamados de outros significativos, têm o papel de significar o mundo para a criança, passando-lhe uma primeira visão desse mundo. **Friedman** considera que a família é a primeira mediadora de contato entre a criança e o mundo.

Miranda (1989, p.134) também faz referência a essa mediação quando diz que: "A presença do outro (um adulto quase sempre) é veículo para o estabelecimento dos vínculos básicos e essenciais entre a criança e o mundo social, através dos quais ela passa a se reconhecer e a reconhecer o outro numa relação de reciprocidade". **Friedman** (1983, p.38-41) distingue uma primeira socialização (socialização primária) vivida na primeira infância, de uma socialização secundária onde estaria inserida a escola e situa os outros significativos no processo de socialização primária. Embora faça essa distinção, considero que o processo de significação se estenda por toda a nossa vida, pois continuamente estamos sendo significados pelos outros a partir da imagem que cada um tem de nós e vice-versa. E, portanto, uma relação contínua e dinâmica.

Diante disso, o professor não se isenta desse papel: é fundamental reconhecer o papel que desempenha na relação com a criança. Podemos pensar que o professor carrega um conteúdo ideológico e que então vai significar o mundo para a criança a

partir daquilo que ele próprio interiorizou de acordo com seus valores e crenças. Esta é uma observação bastante importante e preocupante, mas se faz necessário assinalar que a criança não é exclusivamente produzida pois, à medida que vai tomando consciência do mundo, pode tornar-se, por seu turno, produtora: um agente de mudanças passando, então, a ressignificá-lo. **Pichon-Riviere** (1988, p.47-48) fala em "adaptação ativa à realidade" ou "adaptação ativa ao meio", que considera um conceito dialético, pois o sujeito, ao transformar-se, modifica o meio e, ao modificá-lo, modifica-se a si próprio. É importante também retomarmos a colocação de **Miranda** no que se refere à **reciprocidade**, ou seja, o professor também é significado pela criança. O ideal seria, então, que todos reconhecessem essa dinâmica. (Estas colocações tem como objetivo apenas situar o objeto deste trabalho, delimitado por razões de ordem científica).

Retomando o enfoque sobre o papel do professor, concluo, portanto, que o mesmo, apesar de não ser exclusivamente determinista, é bastante importante, pois atua na formação da imagem mental da criança com relação à realidade, significando o mundo de acordo com seus valores e crenças. Segundo **Miranda** (1989, p.134), na escola, a criança vive um processo de socialização e internaliza novos conteúdos, padrões de comportamento e valores. Lembra, no entanto, que esse processo

tem início desde o seu nascimento ou até mesmo antes, na própria história de seus pais. Dando prosseguimento a essa linha de raciocínio, vamos relacionar esse enfoque com a linguagem.

Friedman (1983) considera que o processo de apropriação da realidade está ligado ao de apropriação da linguagem, pois a expressão verbal é um veículo bastante utilizado para explicitar essa realidade. A criança vai estabelecendo relações verbais para expressar suas imagens mentais, vai aprendendo a designar as coisas e situações do seu contexto. Ela se motiva pelo aspecto social da linguagem.

No entanto, para Friedman (1983, p.48) muitas vezes os adultos pouca importância dão ao que as crianças dizem. Falam muito ao seu redor, dão-lhes pouca oportunidade para falarem, se torna difícil a mudança de turno. Quando lhes dão a oportunidade, são apressadas para que falem logo. Tais circunstâncias provocam tensão na comunicação e, muitas vezes, o outro significativo não tem consciência dos fatores que envolvem a apropriação da linguagem e sua função social. Inserida nesse contexto, portanto, a linguagem tem um papel fundamental e muitas vezes não é reconhecida como tal. Partindo para uma análise mais específica da linguagem, foi escolhida para este trabalho uma patologia da linguagem, a gagueira. E, mais especificamente, como é a relação do professor com a gagueira: quais suas concepções, crenças,

conhecimentos teóricos e práticos; o que imagina a respeito das possíveis causas e curas; quais suas dúvidas.

O que pensam os professores sobre a gagueira?

Que fantasmas povoam a mente desses profissionais com relação a essa patologia?

Esse conteúdo faz parte da dinâmica de significar o mundo na relação com a criança.

3. REVISÃO DA LITERATURA

Existem, na literatura, várias teorias que procuram explicar a gagueira. Percebi, nas obras consultadas, uma diversidade de definições, classificações e formas de tratamento. Parece não haver, até o momento, um consenso sobre essa patologia.

Diante dessa diversidade, é possível observar nas obras consultadas que na maior parte delas cada autor deseja dar a sua teoria uma característica única, no momento de defini-la, de explicá-la enquanto etiologia e desenvolvimento, de classificá-la e de tratá-la.

Tal contexto me leva a pensar no "porquê" de tanta diversidade. Uma resposta que posso encontrar é que pouco se sabe sobre a gagueira. Outra resposta estaria na possibilidade de que, de uma forma geral, todos os autores têm uma parcela de razão uma vez que a gagueira pode ter relação com todos ou quase todos os fatores já descritos até o momento. (Entende-se por esses fatores tudo o que está relacionado a aspectos orgânicos, sociais e emocionais, ou, visualizados de uma outra maneira, aspectos de ordem externa e interna ao indivíduo). Esses fatores, apontados isoladamente nas teorias, atuam de forma distinta na história de vida de cada indivíduo. No entanto, eles não atuam sozinhos e nem separadamente como muitas vezes são descritos. Dessa forma,

podemos concluir que grande parte das teorias existentes, quando tomadas de forma isolada, nos dá uma visão fracionada, atomística e descontextualizada da gagueira.

Se entendermos que qualquer indivíduo está inserido num contexto de vida onde existem outros indivíduos; onde existem relações e vínculos; onde se situa uma determinada conjuntura social, política, histórica e familiar e que esse indivíduo tem em si sua individualidade, suas características pessoais de personalidade, caráter, aspectos emocionais e orgânicos, vamos compreender por que isolar-se em uma determinada teoria nos dá uma visão fracionada. Simplesmente porque o indivíduo com ou sem uma determinada patologia **não** é um ser fracionado.

A proposta de uma postura mais abrangente, eclética, portanto menos rígida em relação à leitura das diversas teorias, pode nos proporcionar, enquanto profissional e enquanto sujeito, uma riqueza de elementos para uma melhor possibilidade de compreensão.

Assim sendo, para que tal postura possa começar a existir como tal, é necessário que se tenha em mãos a contribuição teórica de vários autores que se dispuseram a investigar sobre um determinado assunto, neste caso, sobre a gagueira.

Elegi, para este trabalho inicial, citações de alguns autores que poderiam nos proporcionar esclarecimentos, reflexões e questionamentos.

3.1. Definições e referências sobre a gagueira

3.1.1. Gagueira é apenas apresentar repetições, hesitações, prolongamentos e bloqueios na fala?

Uma das referências mais encontradas é aquela que indica como característica da gagueira a presença de bloqueios, repetições, prolongamentos de sons, sílabas e palavras. Vários autores citam em suas definições tais características.

Van Riper (1947, p.265-266) em uma de suas referências sobre a gagueira, a define (embora no mesmo momento admita tal definição mais como uma descrição¹) como um distúrbio caracterizado por bloqueios, prolongamentos ou repetições de palavras, sílabas, sons, que produzem interrupções e quebras no ritmo do fluxo da fala. Considera que tais características são os sintomas comuns a todos os gagos.

1. Tabith ([19_], p.1) parece concordar com Van Riper quando diz que "em geral as definições consistem na descrição dos fenômenos encontráveis nessa patologia".

Também Wingate (apud Hébert (1988, p.321)), Murphy (apud Jakubovicz (1983, p.18)), Travis (1955, p.816) , Bloodstein (apud Tabith ([1980?], p.1)) , Jakubovicz (1983, p.19) , Eisenson (1986, p.58) fazem tais referências.

Embora nem todos os autores mencionados se restrinjam rigorosamente às mesmas características ao descreverem a gagueira, gostaria de fazer uma pequena reflexão sobre o risco que podemos correr se nos limitarmos a tal abordagem.

Para Spinelli (1983, p.101) repetições, prolongamentos, hesitações e bloqueios são características de disfluência, ou má fluência. A gagueira seria uma entidade clínica onde a disfluência costuma estar presente junto com outras características que veremos mais adiante.

Johnson (1967, p.229) diz que a definição de gagueira que faz referência à desordem no ritmo de fluência da fala com os aspectos citados acima é uma definição parcial e ambigua pois implica que na fala normal não há tais alterações.

Considero que, se fizermos uma observação atenta de qualquer falante considerado normal, seja num diálogo ou numa exposição a um público, perceberemos a presença, com certa frequência, dessas particularidades citadas como características do falante gago.

Segundo um estudo realizado por **Scliar-Cabral, Martin e Chiari (1981)** sobre os fenômenos de pausa e hesitação em língua portuguesa, é possível observar a presença dos mesmos no falante normal e ainda atribuir-lhes funções como a função de planejamento e a função de integrar os traços da conversação.

Em estudos de **Johnson (1967, p.236)**, com crianças de 2 a 5 anos, verificou-se que o julgamento ou diagnóstico da gagueira feito geralmente pelos pais - que são em geral os primeiros interlocutores adultos da criança - ocorreria a partir de repetições de sílabas, palavras e frases. Portanto, nesse estudo a repetição parece ter sido o único indicativo, suficiente para que fosse feita a identificação da gagueira

Portanto, uma vez que considera essas características como parciais e ambíguas, **Johnson (1967, p.240)** nos coloca a seguinte definição:

"A gagueira é um problema de comportamento aprendido de fala que envolve 3 fatores:

1. Fala disfluente com repetições, prolongamentos e pausas.

2. Reações dos ouvintes a disfluências avaliadas como inaceitáveis, indesejáveis.

3. Reações do falante a reações do ouvinte assim como às suas próprias disfluências e a seu próprio conceito como um gago." E ainda:

Gagueira é tudo o que o falante faz quando:

1. Antecipa que vai gaguejar.
2. Receia gaguejar.
3. Reage negativamente, em geral com tensão, não só antecipando a gagueira como se esforçando para evitá-la. Essa evitação leva a um rompimento de fala que pode envolver sua completa ou parcial interrupção².

Através desta pequena explanação podemos ter uma idéia da dificuldade que muitos encontram em fazer o diagnóstico da gagueira, já que os aspectos comumente apresentados não são exclusivos de indivíduos gagos.

2. Para compreendermos melhor a colocação de Johnson, necessitamos de um conhecimento mais abrangente de sua teoria que será explicitada na discussão sobre etiologia.

Parece-me, após esta análise inicial, que o fato de caracterizarmos a gagueira a partir de repetições, prolongamentos e bloqueios, incide no risco de confundirmos gagueira com pausas e repetições de uma fala normal, ou até mesmo com outra patologia da linguagem, como veremos mais à frente na pesquisa que realizei.

Dando continuidade a esta análise, veremos agora outras definições e citações que poderão contribuir para a compreensão da gagueira.

3.1.2. Outras características

Wingate (apud Hébert (1988, p.321)) refere que:

"A gagueira é uma perturbação da fluência da expressão verbal caracterizada por repetições ou prolongamentos involuntários, audíveis ou silenciosos, durante a emissão de unidades curtas de fala, quer dizer, de sons, sílabas ou palavras monossílabas. Estas perturbações se manifestam habitualmente de maneira muito freqüente e não são facilmente controláveis. As vezes, estas perturbações vêm acompanhadas de movimentos que afetam o aparelho fonador ou outras estruturas anatômicas

relacionadas ou não relacionadas com o aparelho fonador ou de enunciados verbais estereotipados. Além disso, não é raro ouvir dizer do próprio indivíduo que se sente preso de um certo estado emotivo que varia entre um estado geral de tensão e de excitação e de emoções negativas como o medo, a vergonha, a irritação ou outras emoções semelhantes. A fonte imediata do momento da gagueira é uma falta de coordenação qualquer que se manifesta no mecanismo periférico da palavra: a causa última da gagueira não é atualmente conhecida mas pode ser suposta complexa ou multivariada".

Como podemos perceber, esta referência nos dá outras indicações além daquelas já discutidas, que vão se complementando com as mesmas.

3.1.2.1. Truques e estereótipos

Parece-me que, quando o autor fala de movimentos que afetam o aparelho fonador ou outras estruturas e emissões de fala estereotipadas, podemos fazer relação com o que Van Riper (1947, p.280) diz quando se refere aos "sintomas" ou seja, às atividades que ocorrem antes da tentativa de fala, com uma intenção subjacente que busca aliviar a expectativa de uma fala gaguejada. Ex: balançar os pés, piscar os olhos, movimentar os ombros. Como

fala estereotipada encontramos, como exemplo, o uso de uma pausa plena no início da frase como: hum, bem, então.

Esses sintomas ou truques são reações que vão se tornando habituais ao medo e ao bloqueio, passando a fazer parte do obstáculo.

Para Friedman (1986, p.23), esses truques funcionam como fetiches que servem para disparar a fluência só inicialmente, pois vão perdendo seu poder uma vez que, o indivíduo na verdade não acredita que tenha fluência.

3.1.2.2. Atitudes involuntárias e descoordenação dos órgãos periféricos da fala.

Dando continuidade à reflexão da citação de Wingate (citada na p. 14), podemos fazer uma observação com relação às repetições ou prolongamentos não voluntários e à descoordenação expressa no mecanismo periférico da fala.

Embora as repetições e prolongamentos se apresentem como involuntários, por detrás deles está o desejo voluntário de evitar a gagueira e é justamente esse desejo voluntário de

controlar a fala que provoca tais sintomas como veremos mais adiante.

Já a "descoordenação expressa no mecanismo periférico da fala" pode ser melhor compreendida quando nos remetemos à explicação que Van Riper (1947, p.270) dá à fala interrompida a nível de sistema nervoso (neste momento Van Riper está se referindo à disfemia que considera uma das etiologias da gagueira): "Com relação ao termo disfemia nos referimos a uma condição neuromuscular subjacente, a qual se reflete periféricamente em impulsos nervosos que são deficientemente marcados em sua chegada às musculaturas pares de fala".

Segundo Van Riper (1947, p.270), na fala normal, ocorre uma série de movimentos musculares sincronizados e com exatidão. Se um movimento se atrasa, a seqüência se quebra. Para que o movimento da mandíbula se realize de uma forma sincrônica, movendo os dois lados simultaneamente, é necessário que os impulsos nervosos cheguem concomitantemente ao par muscular. Caso ocorra uma falha na integração desses impulsos com os músculos, por um bloqueio neuromuscular, a seqüência se interrompe.

Esse bloqueio pode se dar por um déficit na dominância cerebral ou rompimento da coordenação resultante de uma ativação

emocional exagerada do sistema nervoso central em situação de medo ou ansiedade.

Considera que há coordenação de fala quando o indivíduo está calmo e não sob pressão, pois seu limiar de resistência ao distúrbio emocional é baixo. Portanto, o que há é uma debilidade na coordenação do sistema nervoso que se quebra sob pequena pressão.

3.1.2.3. Aspectos emocionais

Mais adiante, **Wingate** se refere a um "estado emocional" onde estariam presentes tensão e excitação, medo, embaraço e irritação.

Vários autores também nos dão indicações de aspectos emocionais associados à presença da gagueira, tais como: **Kanner** (apud Tabith ([19_], p.14)), **Anzieu** (1979, p.123), **Fenichel** (1981, p.292), **Bloodstein** (apud Jakubovicz (1983, p.17)), **Sheehan** (apud Friedman (1986, p.20)), **Brutten e Shoemake** (apud Meira (1986, p.21)), **Jakubovicz** (1983 p.19). Farei uma breve citação desses autores neste capítulo, retomando-os posteriormente na reflexão sobre etiologias.

Kanner (apud Tabith ([19_], p.14)) fala em conflito psiconeurótico.

Anzieu (1979, p.123) engloba a gagueira no que chama de perturbações da linguagem e diz que "as perturbações de aquisição da linguagem na criança estão todas em relação estreita com a problemática afetiva".

Para Fenichel (1981, p.292) o sintoma da gagueira é a consequência de um conflito entre tendências antagônicas de querer dizer algo ao mesmo tempo em que não se quer. Segundo Anzieu (1979, p.131) Fenichel introduziu a gagueira entre as conversões pré-genitais. Faz da gagueira uma neurose, onde os impulsos inconscientes expressos nesses sintomas são pré-genitais.

Bloodstein (apud Jakubovicz (1983, p.17)) fala que a gagueira é o resultado da reação de luta interior do indivíduo que fala por duvidar de sua habilidade em dizer uma dada palavra. Tal citação nos dá a idéia de que o falante gago sofre de um conflito com relação a sua fala, conflito esse que não aparece no falante não gago quando apresenta suas hesitações, pausas e bloqueios na fala normal. Cabe aqui um parêntese que me faz pensar o quanto a subjetividade está presente no julgamento de si como gago ou não, resultando na presença ou ausência desse

conflito, reiterando o ponto de vista de Johnson (1967, p.233): "se uma pessoa está convencida de que gagueja, ela definitivamente tem um problema mesmo que possa falar com total fluência".

Essa "luta interior" a que se refere Bloodstein pode ser pareada com a não crença da fluência já citada por Friedman, ou, sob um enfoque psicanalítico, ao querer e não querer dizer algo, segundo Fenichel.

Sheehan (apud Friedman (1986, p.20)) diz que a gagueira basicamente não é um problema de fala, mas de identidade.

Brutten e Shoemake (apud Meira (1986, p.21)) falam que "gagueira é aquela forma de falha na fluência que resulta de emoção negativa condicionada". Aqui podemos perceber que a gagueira de alguma forma tem uma história antecedente que leva a sua existência.

Jakubovicz (1983, p.19) se refere a fenômenos observáveis (tais como repetições, bloqueios e falhas no ritmo) semelhantemente ao que Van Riper (apud Meira (1986, p.37)) chama de "overt behavior" ou comportamentos expressos básicos, e a fenômenos não observáveis (tais como conflito entre o falar e o

não falar, embaraço, autodefesa, frustração) assim como Van Riper os nomearia de comportamentos encobertos ("covert behaviors").

Podemos retomar aqui, após as citações desses autores, a mesma linha de pensamento utilizada anteriormente.

Meira (1986, p.100) faz uma observação à contradição de certos autores que, ao se referirem às emoções sentidas pelos gagos e descrevendo-as como características próprias do gago ou da gagueira, reconhecem que estas "emoções" ocorrem também em pessoas fluentes. Cita como exemplos a hipótese de Sheehan, a equação proposta por Van Riper e a definição de Brutten e Shoemaker.

Parece que, mais uma vez, posso ressaltar o risco que corremos em tomar como parâmetro uma única teoria e aí tentar enquadrar o indivíduo que gagueja, nos esquecendo do seu contexto de vida.

3.1.2.4. Integridade dos órgãos fonoparticulatórios e papel do interlocutor.

Dando continuidade às nossas reflexões, vamos analisar agora uma definição de gagueira dada por Dinville e Gaches (1979, p.339).³

"A disfemia é um transtorno da expressão verbal que afeta principalmente o ritmo da palavra. É um transtorno funcional sem anomalia dos órgãos da fonação. Está sempre relacionado com a presença de um interlocutor. A disfemia é essencialmente um transtorno da comunicação verbal. Os entorpecimentos que provoca originam dificuldades psicológicas, às vezes importantes, que podem constituir um impedimento social muito sério".

Nesta citação considero importante salientar sua referência à ausência de anomalia dos órgãos da fonação e à condição da presença de um interlocutor. Friedman (1986, p.44), quando se refere à eficiência inicial dos truques, coloca que tal situação permite que se perceba a integridade do sistema fonoarticulatório, fato esse que muitos falantes gagos colocam em dúvida.

3. Nesse texto, o termo utilizado mais frequentemente é disfemia e, com menor frequência, gagueira. No entanto, parecem ter o mesmo significado diferentemente de Van Riper que utiliza o termo disfemia quando se refere a uma das etiologias da gagueira (vide p. 17). West e Ansberry (1968, p.115) referem que disfemia, espasmofemia, e "stammering" são sinônimos grosseiros de "stuttering" (gagueira).

Se ampliarmos um pouco mais nossa observação, vamos notar essa integridade em vários outros momentos onde o falante gago é fluente. Embora a presença de um interlocutor seja parte da condição para haver gagueira, a situação inversa não é verdadeira: existem interlocutores com os quais o falante gago não gagueja, o que permite também perceber a integridade do sistema fonarticulatório. Como exemplo temos o interlocutor infantil (criança) com quem o gago apresenta habitualmente fluência normal.

Portanto, a gagueira parece estar sempre relacionada a um interlocutor, mas não a qualquer interlocutor.

3.1.2.5. Tensão muscular

Posteriormente **Dinville e Gaches** (1979, p.341) colocam outro dado importante para a identificação da gagueira: "uma criança é disfêmica ou não é. A repetição de sílabas não é disfemia. Só há disfemia se na emissão verbal aparece uma tensão espasmódica" (segundo **Ferreira** (1975, p.565) espasmo é uma contração súbita e involuntária dos músculos).

Parece que a tensão resultante de uma alteração no tônus muscular tem toda uma relação com o contexto da gagueira.

Por fim, após a análise das definições e citações de alguns autores, coloco uma outra referência de Van Riper (apud Jakubovicz (1983, p.18)) que diz que a definição exata da gagueira sempre trouxe dificuldade e é por isso que a única pessoa que sabe o que é realmente a gagueira é o próprio gago.

3.2. Etiologia

3.2.1. Breve reflexão sobre o papel da etiologia

Um dos meus objetivos neste trabalho é antes de mais nada propor reflexões que auxiliem o educador a compreender o universo daquele que gagueja. Considerarei pertinente, neste capítulo, fazer uma breve reflexão sobre o significado e o papel da etiologia de uma forma global uma vez que muitos professores colocaram como questão a ser esclarecida as causas da gagueira.

Na literatura sobre gagueira parece não haver uma concordância com relação a sua etiologia. Esta se distribui das mais diversas maneiras, agrupadas de forma ora distinta ora semelhante pelos autores, como veremos a seguir. É importante conhecermos aqui pelo menos algumas causas, pois não caberia fazer referência a todas já que, segundo Chokler (1988, p.173),

"há tantas teorias como casos de gagueira descritas" e a esse fato vários autores fazem referência.

No entanto, considero importante não nos aferrarmos a elas na tentativa de enquadrar cada criança em uma das possibilidades já descritas, ou nos determos numa única explicação. Van Riper (1947, p.269) diz que "a falácia da única causa é a responsável pela confusão em muitos campos da ciência". Confirmando as idéias de Van Riper e Chokler, pois as atitudes unilaterais podem nos levar a uma visão obtusa e estagnada da criança: deixam-se de perceber o contexto e elementos que estão ao redor dela bem como o fato de a criança e qualquer ser humano estarem continuamente em processo.

Buscar a causa de uma patologia pode se tornar um alvo estéril se não estiver intimamente ligado à vontade de compreender aquela criança que gagueja na sua relação com seu universo (ou seja: seu contexto histórico, o qual envolve aspectos sociais, econômicos, familiares, emocionais e outros.). Não importa enquadrar, mas situar, compreender e visualizar aquele indivíduo que é único, dentro de um universo que lhe é único, com uma configuração que o faz exclusivo. É importante ressaltar também que nesse universo os aspectos citados acima são dinâmicos, estando em constante relação entre si.

O fato é que muitas vezes buscamos arduamente encontrar a causa de um sintoma e, uma vez encontrado algo que nos sacie, nos damos por satisfeitos e fechamos uma busca que deveria estar apenas iniciando. Aí dizemos: "Ah! Fulano gagueja porque a mãe é assim". Ou: "fulano gagueja porque quando criança levou um susto". Pronto! Está feita a gagueira. Agora o jeito é conviver com ela...

Estienne (apud Chokler (1988, p.178)) faz uma referência bastante interessante. Suas idéias podem ser dirigidas não apenas ao reeducador ao qual se refere, mas a um público mais amplo. Coloca então a importância da relação do gago com sua gagueira e não na gagueira em si; a importância em interrogar-se como abordar não a gagueira, mas suas relações próprias, sua mágoa, seu medo de falar, ou suas tentativas em romper o círculo vicioso em que está encerrado. Coloca, ainda, que o importante não é tanto remontar às fontes da alteração, mas penetrar no universo do gago.

Gostaria de colocar que não estou desconsiderando a importância das causas da gagueira ou de qualquer patologia, mas critico a forma como às vezes lidamos com elas.

Acrescento, ainda, que essas considerações me fazem sentido tanto em situações onde já existe uma gagueira instalada, como a

nível preventivo: afinal etiologia e desenvolvimento de uma patologia estão ligados a todo um contexto. Não acontecem por si sós e nem por acaso.

3.2.2. Hipóteses

Vários autores tentam agrupar as diversas linhas e hipóteses etiológicas. A maneira de agrupá-las, embora semelhante em alguns aspectos, varia de autor para autor, seja na forma como as visualizam, ou simplesmente na nomenclatura.

Não desejando, a princípio, formar mais um agrupamento, citarei aqui apenas a nível de esclarecimento, algumas dessas colocações e hipóteses que certos autores realizaram ao fazerem suas revisões bibliográficas com o intuito único de auxiliar no esclarecimento e compreensão da gagueira.

Friedman (1986, p.9) reconhece 3 grandes grupos para as construções teóricas com suas respectivas hipóteses etiológicas:

1. As teorias orgânicas, referindo-se mais freqüentemente a causas neurológicas associadas a algum quadro neurológico (como epilepsia ou afasia), ou a problemas sensorio-perceptivos, ou ainda a causas hereditárias ou infecciosas, onde estas últimas

estariam ligadas indiretamente à gagueira, atuando de forma predisponente.

2. As teorias psicológicas, onde a gagueira resulta, ou é sintoma de problemas intrapsíquicos (conflitos, necessidades sexuais inconscientes não resolvidas, agressividade reprimida, etc.).

3. As teorias sociais que vêem a causa da gagueira no processo das relações do indivíduo com os outros e não no indivíduo.

Cita ainda as teorias da aprendizagem onde a gagueira é um hábito adquirido no processo do desenvolvimento da criança.

Meira (1986, p.28) apresenta uma classificação que, segundo ela, é a mais comumente aceita pelos autores:

1. Teorias orgânicas: considera que existem gogos para cada causa orgânica encontrada, mas que não é possível generalizá-las para todos os gogos e nem atribuir à gagueira uma determinada causa orgânica. Cita como defensores desta hipótese: Head, Travis, Barbara, Eisenson, Andrews e Harris, Moore e Haynes e Rosenberger.

2. Teorias psicológicas: aqui se enquadrariam teorias de neurose, psicogênicas e psicanalíticas. Os principais autores são: Coriat, Sheehan, Freund, Fischer, Barbara, Travis.

3. Teorias do comportamento aprendido. Segundo Meira são as mais aceitas atualmente, todas derivando da teoria da aprendizagem. A gagueira se originaria então da decorrência de um condicionamento clássico (efeitos de emoções negativas sobre a fala constituem a origem da gagueira, pois são condicionadas a certos estímulos que, em determinadas circunstâncias provocam a gagueira) ou operante (uma disfluência normal é reforçada negativamente originando a gagueira). Defendem tal abordagem segundo Meira: Johnson, Shames, Brutten, Van Riper, Luper, Wischner, Bloodsteien, Gregory, Sheehan.

Chokler (1988, p.177) considera 3 linhas de hipóteses etiológicas nas quais estão apoiadas as terapias da gagueira:

1. Uma patologia orgânica (às vezes congênita).

2. Transtornos funcionais do desenvolvimento infantil, na motricidade do aparelho fonoarticulatório ou a nível de integração das funções lingüísticas em seu conjunto, ou sobre os aspectos semânticos em particular.

3. Alterações do desenvolvimento psicoafetivo e aquelas resultantes dos conflitos familiares.

Van Riper (1947, p.267-269) considera que existam as seguintes teorias: a educacional, a sobre neuroses, a neurológica, a psicanalítica, a de imagem e a inibitória. Em cada uma delas reconhece uma etiologia peculiar.

Jakubovicz (1983, p.96-97) apresenta 2 grupos principais:

1. Teorias baseadas nos sintomas, a partir de como a desordem se manifesta.

2. Teorias baseadas na etiologia, a partir da maneira como a gagueira começou.

Acrescenta que alguns autores fazem a combinação dos 2 grupos e por fim cita a teoria baseada na cibernética, que tentaria explicar o porquê da fragmentação das palavras, relacionando o fato a uma alteração no feedback auditivo.

Spinelli (1983, p.101) considera que têm sido apontadas como causas da gagueira: as genéticas (Sheehan¹ e Costley¹⁰⁰, Andrews e Harris¹⁰¹), neurológicas (West¹⁰²) e psicológicas (Blanton¹⁰³).

Irwin (1983, p.33-38) refere que em geral são atribuídas 3 causas:

1. Por uma neurose, sustentada principalmente por psicólogos.

2. Por um comportamento adquirido, a partir da idéia de que as crianças naturalmente aprendem a falar de maneira hesitante. Se esta persistir é porque a criança adquiriu esse comportamento ao tomar consciência da gagueira, desenvolvendo um conflito entre o desejo de falar e o de evitar a gagueira.

3. Por uma causa orgânica, onde o cérebro é o responsável, ou existe uma "predisposição" com a qual as pessoas já nascem (uma tendência herdada).

Travis (1955, p.828-830) considera que as hipóteses explicativas da gagueira podem distribuir-se nos seguintes grupos: educativas, psicológicas, de higiene mental, psicoanalíticas e neurológicas.

Como podemos perceber, muitos autores coincidem na maneira de agrupar as hipóteses etiológicas como Meira e Irwin, apresentando alguma diferença na nomenclatura. Outros, como Van Riper e Travis, apresentam mais subdivisões onde algumas

coincidem. **Jakubovicz** apresenta uma forma um pouco diferente, uma vez que toma como referência não o ênfase pelo contexto onde se deu o início da gagueira, mas a maneira como se pode abordar qualquer patologia: na origem ou na manifestação.

Agora, vamos ver o que esses e outros autores, que não apresentaram nas obras consultadas uma síntese bibliográfica, pensam sobre a gagueira.

Para **Friedman** (1986) a gagueira tem sua origem na infância no momento em que aparece uma disfluência natural na criança (aproximadamente aos 4 anos de idade). A partir de uma não compreensão por parte dos adultos dessa disfluência natural, passa a existir uma exigência dos mesmos para que a criança fale fluentemente. Diante da impossibilidade da criança em falar da forma esperada e da sua incapacidade em refletir sobre sua fala, aparece um conflito gerado por esse paradoxo (o desejo de falar bem, alimentado pelos pais e a impossibilidade da criança em falar da forma esperada, pois acredita no que lhe é transmitido quando lhe exigem que fale direito). Tais situações desenvolvem uma identidade marcada pela auto-imagem de uma mau falante. A partir daí a pessoa começa a travar uma luta para falar bem sem perceber que para falar não é necessário esse esforço. Segundo **Friedman** existe um estigma ideológico que valoriza o bem falar

que determina a gagueira além de se ignorarem as disfluências naturais da criança.

Quando adulto, o indivíduo levado pela auto-imagem de mau falante e pela tensão que se faz presente é incapaz de dissolver o paradoxo e criticar o estigma. Como já foi comentado anteriormente, em alguns momentos esse mecanismo desaparece, quando a auto-imagem não está em jogo.

Johnson (1967) também acredita na estigmatização da gagueira principalmente relacionada com a ansiedade dos pais sobre a possibilidade de suas crianças gaguejarem. Considera que a gagueira surge como um problema que envolve a interação entre ouvinte e falante, principalmente figuras de autoridade (inicialmente os pais) que ouvem e reagem avaliativamente à fala da criança. A criança adquire um tipo de percepção e reação avaliativas de seu próprio comportamento de fala que inibe e quebra suas reações de fala, passando a tê-la menos espontânea.

Johnson considera a gagueira como um comportamento aprendido, pois o sujeito aprende a aguardar um problema (antecipa que não será capaz de falar certas palavras). Nessa espera, faz coisas para evitar a gagueira, como apertar os lábios ou segurar a respiração, confirmando e reforçando sua expectativa. Acredita que qualquer criança pode aprender a

gaguejar em determinadas circunstâncias, as quais favorecem o aparecimento de ansiedades e tensões específicas. Nenhum tipo especial de corpo ou personalidade é essencial. Descarta, portanto, qualquer hipótese a nível orgânico ou emocional.

Tuthill (apud Johnson (1967, p.279-280)) refere que nem todos os pais têm a mesma atitude em relação às hesitações da criança. O que para alguns é gagueira para outros é uma fala perfeitamente normal. Portanto, a gagueira como problema ocorre não antes de ser diagnosticada, mas após, onde o diagnóstico é uma das causas do problema. Por isso é chamada de "teoria diagnosogênica" como referem alguns autores (Meira (1986, p.32)), (Kanner (1951, p.548)). Johnson conclui que o ouvinte faz mais que o falante em firmar as interações essenciais para a criação do problema da gagueira, pois já muda suas atitudes quando passa a considerar que alguém é gago. O gago não tem que aprender a falar. Ele sabe como se fala.

Eisenson (1986, p.65) também ressalta a participação da expectativa ansiosa dos pais sobre as disfluências que as crianças apresentam.

Enquanto esses autores referem com certa ênfase o início da gagueira na infância quando a criança está em processo de aquisição da linguagem, outros fazem referência a essa e a outras

idades mais tardias próximas à adolescência. Tais referências colocariam em questão a hipótese de Johnson e Friedman. No entanto, poderia correlacionar tal fato a um fator desencadeante como descreve Van Riper mais adiante, ou ainda levar-nos a questionar se seria realmente uma gagueira aquilo que se apresenta.

Dinville e Gaches (1979, p.341-342) colocam três momentos possíveis para o início da gagueira. O primeiro deles se refere ao período em que a criança começa a multiplicar as frases e a utilizar sua linguagem em intercâmbios com outros. Isso se daria por volta dos 3 anos de idade. Acreditam que uma em cada 5 crianças evoluem mais tarde para uma gagueira persistente. Para as 4 restantes, é um estado de gagueira intermitente que dura 1 ou 2 anos. Metraux (apud Dinville e Gaches (1979, p.341)) chama de gagueira de desenvolvimento e Weiss (apud Dinville e Gaches (1979, p.341)) de gagueira fisiológica. O segundo momento possível para o início da gagueira, seria entre 5 e 6 anos, correspondendo a 30% dos casos. Isso porque é quando a criança entra na escola básica onde existe um ambiente mais organizador, mais disciplinado e menos protetor que o da escola maternal. A criança passa para um ambiente onde em sala de aula só se pode falar se lhe perguntarem algo. Consideram-no o verdadeiro começo: da aprendizagem social originando tensões emocionais. Não o consideram uma etiologia, mas de importância para o

desencadeamento da gagueira. Um **terceiro** momento teria início tardio, por ocasião de uma emoção brusca ou depois de um grande medo. Segundo **Dinville e Gaches** (1979, p.356), para **Barbara** a gagueira está relacionada a alguma experiência traumática nas crianças com predisposição emocional. Colocam então o caso dos adolescentes onde não foi possível constatar episódios de gagueira na infância e que afirmam não terem vivido nenhum acontecimento traumatizante quando começaram a gaguejar: há um início que vai progredindo durante um período de tensão emocional firmado se coincidir com um terreno favorável.

Van Riper (1947, p.267-271) admite que são muitas as causas e, em decorrência, os conflitos entre as teorias também o são. Considero que as teorias não devem ser exclusivas, principalmente em se tratando de uma patologia tão controvertida e talvez tão desconhecida como a gagueira. Mais uma vez destaco a importância em conhecermos várias teorias, para nos ajudar a conceber um contexto mais fiel. **Van Riper** considera que a gagueira pode resultar de uma dentre três etiologias ou combinação delas:

1. Disfemia (já comentada na p. 17)

2. Fatores de desenvolvimento, onde na história aparecem problemas de nascimento, doenças, medicação exagerada de tireóide

e/ou estimulação inadequada dos pais. Tudo isso pode interferir na maturação dos esquemas da fala.

3. Conflitos emocionais, com história de ansiedade e insegurança ou crianças que vivem em condições de incerteza: uma forma de nos auxiliar a compreender como uma criança pequena que vive em contínua condição de incerteza e ansiedade se sente, é observarmos situações do nosso dia-a-dia onde experimentamos essas hesitações em momentos de maior tensão.

Van Riper (1947) faz uma referência bastante interessante quando fala das causas desencadeadoras. É muito comum encontrarmos pais que trazem como causa da gagueira, ou ponto de partida, situações repentinas como um tombo, um susto, uma mudança na rotina da criança, etc. Para Van Riper, elas devem ser vistas dentro de um contexto geral, porque muitas vezes são fatores simbólicos (simbolizam o conflito) ou têm efeito cumulativo. Diríamos de uma forma mais habitual, a famosa "gota d'água" que traz por debaixo dela toda uma história, ou ainda compararmos num primeiro momento esses relatos trazidos pelos pais à ponta de um iceberg.

Van Riper situa também aquilo que ele chama de causas mantenedoras que estão relacionadas à percepção de desagrado do ouvinte. A partir desta percepção, o falante gago se sente

ansioso e incerto nas tentativas de fala passando a tentar evitá-las. Em cada evitação cresce o medo que levará a mais evitação e, conseqüentemente, ao aparecimento da gagueira, estabelecendo-se um círculo vicioso. Para reduzir o desagrado do ouvinte, a pessoa passa a criar truques que, como já foi comentado, funcionam apenas no início. Esses truques são reações ao medo ou ao bloqueio neuromuscular e se apresentam em forma de "sintomas".

Mastrangeli e D'Erasmus ([19_]) relacionam a gagueira com causas repentinas. Consideram que a gagueira é um dos mais graves defeitos de pronúncia, um defeito neuropsíquico sem ser defeito físico, fazendo-se necessário estabelecer a harmonia entre os centros intelectivos e os centros fônicos para então ser extirpada totalmente. Esse defeito é contraído nos primeiros anos de vida e é exclusivamente psíquico, na mente do indivíduo, no EU, no subconsciente, geralmente entre pessoas muito sensíveis. E aí que deve ser buscada a causa, que deve ter aparecido decorrente de uma forte impressão produzida na infância por um susto, um choque nervoso, um trauma psíquico. Essa causa violenta e externa quebra a harmonia entre pensamento e palavra.

Hébert (1988, p.319) parece concordar com **Van Riper** com relação à causa única e refere que vários autores acreditam que a causa da gagueira é uma só e de fácil identificação. Comenta sobre a discrepância que encontra na literatura com relação ao

prognóstico da gagueira. Enquanto alguns afirmam ter curado 93% dos seus pacientes gogos, outros referem não ter curado definitivamente nenhum, mesmo tendo experimentado vários métodos.

Jakubovicz (1983, p.96) reconhece que a gagueira tem muitas facetas e que não é possível ater-se a um só aspecto do problema. Mas afirma acreditar que é um comportamento adquirido e identifica-se com as teorias baseadas no sintoma, pois reconhece que esse seja o caminho mais lógico, uma vez que ainda se ignora a causa da gagueira.

Spinelli (1983, p.99-102) que, como vimos anteriormente, sugere a existência de **disfluências**, considera que "a aglutinação dos diversos tipos de disfluências dificulta o estudo das causas de cada uma delas". Apesar disso, sugere a existência de: **disfluências fisiológicas; patológicas ou de origem neurogênica** (fazendo parte de uma patologia principal como Disfunção Cerebral Mínima, Paralisia Cerebral, muitas delas relacionadas a fatores hereditários ou traumas de parto, infecções e anóxias); **emocionais ou psicogênicas** (relacionadas a conflitos, rejeição, ansiedade, onde removendo o fator causal o sintoma desaparece); **gagueira**. As causas da gagueira não são bem conhecidas. Pode haver uma tendência constitucional para apresentar níveis mais elevados de autocrítica e tensão frente a situações em que se é avaliado; familiares com preocupação exagerada com a fala de seu

filho; a presença de uma inabilidade verbal ou motora articulatória congênita e de disfluência de outra origem podem contribuir para o aparecimento da gagueira, pois dão chance a atuação da crítica de adultos ou preocupação dos pais com a fala correta. Considera que é um comportamento aprendido.

Irwin (1983, p.36) considera a possibilidade de que haja mais de uma causa. Pessoalmente prefere a teoria orgânica aceitando que possa haver alguma disritmia, "mistiming", de impulsos no cérebro, mas não esclarece melhor como se dá essa disritmia.

Travis (1955, p.824-828) refere que o organismo humano tem um caráter multidimensional e que é conveniente conceber os determinantes de suas manifestações explícitas de uma maneira ampla. Para esse autor, o ponto de vista aceitável no exame da etiologia de qualquer transtorno de linguagem é considerá-lo como uma resultante de várias causas. E coloca então como principais causas: herança, lesões cerebrais contemporâneas ou posteriores ao nascimento, enfermidades físicas e mentais, fatores emocionais que agiriam sobre os centros superiores alterando o plano central de organização da expressão vocal.

Bouton (1977, p.389) acredita numa predisposição hereditária que, segundo ele, está verificada estatisticamente. Essa

hereditariedade agiria por intermédio de fatores que a isso predisõem: dominância lateral, controle motor, aptidão para a organização espaço-temporal, timidez, mal-estar social e outros comportamentos psicológicos mais profundos. Mais adiante admite que a etiologia da gagueira e sua explicação funcional ainda são muito confusas.

Fenichel (1981, p.291-293) encontra uma relação entre expulsão e retenção de palavras com expulsão e retenção de fezes onde reter significa prazer auto-erótico e tranquilidade contra uma possível perda. Portanto, haveria um deslocamento das funções esfíncteres anais para cima. O medo da perda está relacionado também ao medo da perda de controle: o indivíduo que gagueja julga que falar é proferir palavras obscenas e passa a ter medo de perder o controle da fala e agredir o outro. Existe uma resistência em dizer o que se pretendia e não foi dito. Então falar significa algo censurável e é preciso manipular as palavras com cuidado. Conscientemente o indivíduo quer falar mas inconscientemente não se permite. Esse controle exige esforço consciente que, sob pressão de evitar a gagueira, leva até ela. Na minha opinião, falar não é apenas articular palavras, fato que os gogos realizam sem dificuldades em situações menos comprometedoras, mas expressar um conteúdo que, neste enfoque, o próprio indivíduo não se permite assumir.

Fenichel faz referência também ao aspecto fálico, onde falar significa ser potente. Em consequência, a incapacidade de falar significa castração. Refere que os rapazes revelam uma ansia de falar que se desenvolve como substituto de uma competição fálica ("será que posso falar tão bem quanto meu pai?"). Todos os estados que envolvem idéias de potência ou castração podem exprimir-se no sintoma da gagueira. As moças que têm a mesma ambição desejam inconscientemente ter funcionamento genital igual ao dos homens.

Chokler (1988) pensa que existem fatores que estão relacionados com a utilidade que o sintoma tem na estrutura vincular do sujeito. Acredita que pelo fato de a gagueira aparecer só em certas circunstâncias e diante de certas pessoas, é uma verdadeira "patologia da relação" como diria Ajuriaguerra (apud Chokler (1988, p.180). E questiona: Para que pode servir ao paciente sua gagueira? Qual é o grau de dependência ao sintoma? Percebe que muitos pacientes utilizam sua gagueira para isolar-se de contatos vividos como perigosos, fato este que constata a partir dos próprios comentários de seus pacientes. Nesses casos, na gagueira se depositam todos os fracassos, inibições e desgraças. Para Chokler esses sentimentos são pouco conscientes e se encontram confundidos com sentimentos contraditórios como a necessidade real de curar-se para superar os obstáculos que interferem em sua vida cotidiana.

Coloca ainda haver um teor de agressividade camuflado na palavra, e também a utilização do sintoma para conseguir benefícios secundários como atrair a atenção, obter privilégios na escola ou eximir-se de responsabilidade, sendo essa utilização em nível consciente.

Neste caso, o sintoma da gagueira pode ser utilizado pelo indivíduo que gagueja como uma verdadeira muleta, como pretexto e sua retirada implicaria enfrentar e assumir certas situações da vida e a si próprio.

Para Anzieu (1979) é uma questão de maturação o fato de a criança apresentar por algum tempo por ocasião do estabelecimento definitivo da sua linguagem (entre 2 e 3 anos) hesitações do tipo da gagueira. Na maior parte dos casos esta manifestação resolve-se sem qualquer outro processo. Mas por vezes as circunstâncias do ambiente (acredita que a gênese da perturbação se dá na relação do indivíduo com os pais) e o conflito interior da criança são tais que ela conserva sua gagueira. Para Anzieu quando o indivíduo torna-se um sujeito falante, é capaz de colocar uma recusa através da fala a quem contrariar o seu desejo. Mas, esse indivíduo tem conhecimento do risco de perder o amor das pessoas amadas. Esse debate interior provoca certamente oscilações na aquisição do vocabulário, da sintaxe, da emissão

verbal. Segue relatando que há uma maturação cortical que permite estabelecer a comunicação verbal com o objeto amado - o que o situa como sujeito autônomo - mas uma incapacidade em situar sua própria pessoa, seu Ego, demonstrando a incapacidade de a criança gaga se servir do corpo para responder ao desejo parental.

Segundo Anzieu (1979, p.129) Freud diz que "os sintomas só se formam para permitir escapar ao desenvolvimento da angústia, inevitável noutras circunstâncias". Para Anzieu "a angústia é a "cor" da vida do gago: todo o seu sistema de expressão está impregnado por ela e manifesta-a, revolta-se e luta contra ela...contra as palavras". Fala também de uma relação quase simbiótica entre mãe e criança, devida a uma necessidade obstinada da mãe em manter uma dependência total da criança em relação a si, temendo a perda de um objeto querido e indispensável a sua vida.

Questiona por fim porque alguns indivíduos que apresentam um mesmo conteúdo emocional não escolhem gaguejar e outros, sim. Será por uma fraqueza constitucional a nível cortical? Responde que até agora não é capaz de ser elucidada pelos meios à disposição. Acredita que ocorre "uma capacidade de sentir na mãe a presença de um desejo edipiano sempre insatisfeito...o acesso à autonomia subjetiva completa nunca é atingido pelo gago".

Como podemos perceber, existem muitas explicações para a origem da gagueira. Pelo fato de encontrarmos tantas teorias a respeito, julgo arriscado optarmos por uma delas em detrimento das outras.

Retorno ao questionamento feito inicialmente do porquê de tantas teorias e concluo com uma observação que me parece válida: não deve ser por acaso que as teorias sobre a gagueira se apresentem de tantas formas diferentes. Tamanha diversidade parece ser indicativa de alguma coisa sobre a qual ainda não sabemos. Nos chama a atenção tal polêmica que, embora possa estar presente também na discussão de outras patologias, não se apresente nestas outras de uma forma tão evidente.

Tantas teorias, por outro lado, nos colocam a necessidade de verificar a percepção dos professores que se relacionam diretamente com a criança, numa fase crítica em que a gagueira poderá se firmar. Eis a razão da pesquisa cuja metodologia relatarei a seguir.

4. METODOLOGIA

Foram realizadas 28 triagens de professores de primeira série do primeiro grau de escolas públicas e privadas a partir de questionários. Inicialmente foram entregues 50 questionários, sendo que 22 não retornaram por motivos variados.

Dos 28 questionários retornados, 11 foram respondidos por professores de 3 escolas públicas e 17 por professores de 4 escolas privadas.

Os questionários constavam de uma pequena explanação do objetivo, 6 questões objetivas e 4 abertas além da identificação do professor e da escola.

Posteriormente foram realizadas 4 entrevistas com 4 professores separadamente com perguntas não objetivas. Os critérios para a escolha dos professores foram:

1. Dois professores que na época do questionário afirmavam ter aluno com gagueira.

2. Um professor que havia tido aluno com gagueira anteriormente ao questionário.

3. Um professor que não tinha e nunca teve aluno com gagueira.

Após a entrevista, foram realizadas observações na sala de aula dos 2 professores do item 1.

Esta pesquisa apresenta, portanto, dois enfoques:

I. Quantitativo: Cinco questões objetivas com duas opções: () sim () não e uma questão objetiva de múltipla escolha. As duas primeiras questões visam buscar informações sobre a presença ou não de alunos com gagueira no momento de realização do questionário e anterior a este. As questões restantes buscam informações sobre presença ou ausência de dúvidas do professor com relação à gagueira; necessidade ou não de uma orientação mais específica; fonte de conhecimento sobre a gagueira e disponibilidade em prosseguir auxiliando na pesquisa.

II. Qualitativo:

a) Questões não objetivas a respeito de hipóteses dos professores com relação a: reconhecimento da gagueira, atitude frente ao indivíduo que gagueja, dúvidas em relação à gagueira e espaço para observações em geral.

b) Entrevistas.

Com relação às duas primeiras questões objetivas, é importante ressaltar que o número de crianças com gagueira foi obtido a partir da identificação feita pelos professores e não por um contato direto com as crianças, através de uma triagem ou avaliação específica.

4.1. Levantamento e análise quantitativa dos conteúdos pesquisados

4.1.1. Questões 1 e 2:

32% dos 28 professores que responderam o questionário afirmaram já terem tido um aluno com gagueira. 68% afirmaram nunca ter tido.

14% dos 28 professores afirmaram ter aluno com gagueira na época em que estavam respondendo o questionário. Essa porcentagem corresponde a 4 professores e conseqüentemente a 4 crianças com gagueira. Portanto, em 28 salas de primeira série foram identificadas pelos professores 4 crianças com gagueira.

Com relação às estimativas de incidência da gagueira segundo alguns autores temos:

Travis (1955, p.817) coloca que 1% é a frequência aproximada da apresentação da gagueira entre a população escolar.

Dinville e Gaches (1979, p.350) afirmam que em geral se admite 1% pra a porcentagem correspondente aos disfêmicos.

Barbara (apud Dinville e Gaches (1979, p.350)) fala em 0,8%. **Watzel** (apud Dinville e Gaches (1979, p.350)) encontrou 0,63% na idade escolar. **Morley** (apud Dinville e Gaches (1979, p.350)) afirma que em 1000 crianças 4% atravessam um período de gagueira intermitente que desaparece na maioria, aproximadamente 1 ano depois, ficando em 1% (não coloca a faixa etária e/ou escolar pesquisada). **Andrews e Harris** (apud Dinville e Gaches (1979, p.350)) em escolas de uma cidade inglesa encontraram aproximadamente 1% de crianças com gagueira em escolas primárias e 1,6% em secundárias.

Van Riper (1947, p.266) refere que 1 em 100 crianças está destinada a sofrer essa anomalia. **Wallin** (apud Johnson (1967, p.243)) refere 0,7% de crianças em escola pública identificadas por seus professores como gagas. **Schindler** (apud Johnson (1967,

p.243)) indica uma porcentagem de 0,55% de crianças classificadas como gagas e Mills (apud Johnson (1967, p.243)) 1,5%.

Johnson (1967, p.242) refere que há considerável variação acerca das estimativas publicadas sobre a incidência da gagueira e considera que tal variação ocorre provavelmente devido aos seguintes aspectos:

1. A proporção de crianças que gaguejam pode variar de escola para escola e talvez até de classe social para classe social e de cultura para cultura (faz referência (1967, p.244-249) a várias pesquisas realizadas em diversas populações, onde não foi encontrada nenhuma pessoa com gagueira e nem sequer uma palavra que correspondesse à gagueira).

2. A avaliação e os procedimentos de exame podem diferir de um estudo para outro.

3. As definições de gagueira podem diferir de um investigador para outro.

4. O julgamento da gagueira pode variar de um ouvinte para outro.

Acredito que as colocações de Johnson são bastante pertinentes frente à variação das estimativas que encontrei sobre a incidência da gagueira e poderiam ser levadas em consideração neste trabalho, caso tivesse o número exato de crianças das 28 classes. Acrescento um quinto aspecto, que seria a possibilidade de o professor apresentar alguma dificuldade em identificar a gagueira dentre as demais patologias da linguagem.

4.1.2. Questões 5 e 6:

Onze dos 28 professores assinalaram não terem dúvidas com relação à gagueira. Dito desses 11 professores nunca tiveram um aluno com gagueira, portanto apenas 3 já tiveram. Curiosamente 8 desses 11 professores, apesar de terem assinalado não ter dúvidas, consideram importante uma orientação com relação à gagueira, o que me pareceria incoerente, pois quem não tem dúvida não necessita orientação. Poderíamos supor, então, que consideram não ter dúvidas por nunca terem tido esse contato mais próximo, mas que gostariam de ter orientação, assim como foi colocado por uma dessas professoras: "Não tenho dúvidas, pois nunca trabalhei com criança gaga. Gostaria de ter informações de como trabalhar com uma criança gaga".

4.1.3. Questão 7:

De acordo com as respostas assinaladas, concluí que aproximadamente 64% dos professores já leram alguma coisa a respeito da gagueira e que 57% tiveram na sua formação (magistério) alguma informação sobre a gagueira.

Aproximadamente 28% tiveram contato com a gagueira através da televisão; 11% por cursos; 11% através de contato com especialistas; 14% por contatos variados (parentes, conhecidos) e aproximadamente 4% nunca viram nada a respeito.

4.1.4. Questão 8:

57% dos professores se mostraram disponíveis a colaborar dando continuidade à pesquisa. 10% não assinalaram nem **sim**, nem **não** e 33% assinalaram "**não**". O fato de que 9 professores tenham assinalado "**não**" nos deixa em dúvida entre um não desejo em colaborar, ou o fato de não terem crianças com gagueira, já que a continuidade se daria para aqueles que tinham alunos gogos. Tal conclusão foi formulada, pois esses 9 professores não tinham aluno com gagueira e os que tinham aceitaram continuar a pesquisa.

4.2. Análise qualitativa do conteúdo pesquisado:

Esta análise será feita inicialmente a partir de 4 questões não objetivas do questionário e num segundo momento, a partir das 4 entrevistas realizadas.

A tabulação das respostas dessas questões, pelo fato de não envolverem múltipla escolha e, portanto, serem abertas, torna-se bastante difícil. Trata-se de respostas lingüísticas não previsíveis que, se por um lado dificultam uma tabulação, por outro permitem a realização da produtividade, característica e propriedade essencial da linguagem humana. Segundo Hoijer (1974, p.56-57) "a linguagem humana é um sistema aberto...capaz de produzir um número quase infinito de enunciados...permite ao homem tanto produzir como compreender enunciados completamente novos, que nunca foram produzidos ou ouvidos antes". Assim sendo, podemos pensar que as respostas dadas pelos professores têm relação com o seu imaginário sobre a gagueira principalmente daqueles professores que não tiveram um contato mais próximo com pessoas que gaguejam. Tais professores tenderão a apresentar respostas menos estereotipadas por não estarem vinculadas a características individuais de pessoas que gaguejam. Portanto, nesses casos, poderemos visualizar como o professor percebe a gagueira e não uma criança que gagueja em específico.

4.2.1. Questionários

Para uma análise das colocações dos professores, procurei agrupar as respostas que, embora não sejam exatamente as mesmas, apresentam traços em comum.

As questões serão apresentadas, a seguir, uma a uma e analisadas posteriormente.

4.2.1.1. Reconhecimento da gagueira.

Como você reconhece que uma criança é gaga?

Número de

Respostas

Resposta

10

Pela maneira de falar.

09

Pela repetição de sílabas e palavras.

- 01 Pela repetição de sílabas e interrupção, soltando-as de repente. Normalmente com os sons [p, b, m, v] existem mais dificuldades.
- 01 ...prolongam a fala de uma palavra.
- 03 Pela maneira de falar com dificuldade, de formar as palavras...
- 05 Quando pronuncia as palavras com dificuldade...não apresentam uma boa articulação de sons...apresenta dificuldade como um embaraço fônico.
- 03 Dificuldade em expressar-se oralmente. Quando demora a colocar a idéia.
- 01 Porque ela custa soltar as palavras.
- 02 Quando tem ansiedade de dizer algumas coisas. Nervosismo quando solicitada oralmente.
- 03 Pela timidez e...
- 01 ...quando há uma grande expectativa por parte do professor e colegas para que ela se expresse.

01 ...quando cantava, não gaguejava.

Identifico que existem 3 indicadores que são mais frequentes no reconhecimento da gagueira, segundo as colocações dos professores:

1. A maneira de falar.
2. A repetição de sílabas e palavras.
3. A dificuldade em pronunciar as palavras, em articular os sons.

Parece que a grande parte dos professores considera que a maneira de um indivíduo falar (possivelmente uma maneira diferente da considerada normal) é suficiente para o reconhecimento da gagueira. Essas colocações são muito amplas e não nos deixam claro qual o parâmetro utilizado para esse reconhecimento. Suponho que estejam se referindo às repetições de sons, dificuldades articulatórias ou qualquer uma das outras hipóteses colocadas, ou ainda uma outra hipótese não citada. É possível que tenha sido essa a melhor forma de ser feita tal colocação e que esses professores tenham em mente o reconhecimento da gagueira. No entanto, é uma questão que não poderemos ter clara, pois não foi realizada uma investigação

individual com todos os professores (entrevista e observação em sala de aula).

Com relação aos outros dois indicadores mais colocados, posso considerar que existe uma grande diferença entre repetir sílabas e dificuldade articulatória. Enquanto que "repetir sílabas" é uma das características da gagueira e de hesitações naturais da fala, a dificuldade articulatória pertence a outros quadros de patologia da linguagem como um distúrbio articulatorio com trocas, omissões, distorções de fonemas, um atraso de aquisição de linguagem e estes podem estar englobados em um quadro de deficiência auditiva, deficiência mental, afasia, apraxia, paralisia cerebral e outras sintomatologias.

Alguns professores consideram a dificuldade de expressão oral, ou a demora em colocar a idéia como um indicativo de gagueira. Mais uma vez não tenho claro exatamente a que se referem esses professores. No entanto, considero que, de uma forma geral, esses indicativos podem estar mais relacionados à dificuldade de organização do pensamento e de linguagem a nível semântico ou sintático do que a uma gagueira propriamente dita.

Para alguns professores, o reconhecimento da gagueira vai algo além da repetição de sílabas e expressão oral, percebendo-se também indicativos a nível emocional como o nervosismo ao ser

solicitado a falar, a timidez e a ansiedade em dizer determinadas coisas. Logicamente esses indicativos a nível emocional, de forma isolada, não são suficientes para o diagnóstico de uma gagueira e talvez de nenhuma patologia. São sintomas que acompanham a gagueira e, por todo um contexto de tensão, determinado por sentimentos de medo em se colocar, de medo de gaguejar.

Dando continuidade à análise das colocações, observo que, embora não seja propriamente um indicativo de reconhecimento da gagueira, um professor coloca de uma maneira bastante interessante o contexto no qual a gagueira aparece, quando faz referência aos interlocutores e ao papel que estes desempenham como coadjuvantes da fala gaguejada. Este parece ser um critério importante a ser observado na atuação com a criança que apresenta essa dificuldade e outras, além da gagueira. Trato aqui de uma questão de postura diante daquilo que possa ser considerado uma dificuldade, um problema. Perceber o contexto no qual o problema está inserido nos possibilita uma compreensão mais ampla e mais rica, enquanto que localizar uma problemática de forma isolada limita em muito essa compreensão e a própria atuação do profissional, seja ele o educador, ou o reeducador.

4.2.1.1.1. Diagnóstico diferencial entre: gagueira e taquifemia

Dentre as formas de reconhecimento da gagueira citadas como "embaraço fônico", dificuldade de dicção e até nível de expressão oral, posso pensar não em gagueira, mas numa possível taquifemia que se caracteriza por uma desorganização a nível de discurso, além de uma articulação rápida e imprecisa. Aqui, segundo Friedman (1986, p.72), não há uma imagem de mau falante com a idéia de incapacidade a nível de habilidade motora. Muitos autores pesquisados fazem diferenciação entre gagueira e taquifemia, o que me leva a crer que são facilmente confundidas por um ouvinte leigo. A seguir, comentarei algumas das colocações desses autores.

Segundo Van Riper (apud Hébert (1988, p.313)), taquifemia é uma desorganização temporal da palavra. Observa-se uma rapidez excessiva da palavra com desorganização da frase, omissão de sílabas ou de sons e articulação imprecisa. O indivíduo fala perfeitamente quando se expressa lentamente, mas não pode expressar-se assim durante longo tempo. Não parece consciente da rapidez excessiva de seus enunciados, nem da desorganização de suas frases. Segundo Hébert (1988, p.314), assim como em relação à gagueira, existem várias hipóteses a respeito da etiologia da taquifemia. A mais frequentemente citada é a hereditária, onde haveria certos problemas específicos do sistema nervoso central.

Segundo Eisenson (1986, p.57-60), a organização frasal do taquifêmico é pobre. Sua fala é ininteligível. Difere do gago por parecer não consciente da sua maneira de falar. Normalmente é indiferente com relação aos sentimentos sobre sua própria fala. Não desenvolve ansiedade, medo e apreensão ao falar como a maioria dos gagos. Costuma até melhorar quando aconselhado a falar cuidadosamente. Julga que a taquifemia pode ser considerada uma "prima" da gagueira. Refere ainda que as crianças taquifêmicas são crianças desajeitadas, sempre esbarrando em algo a sua frente, semelhantes a outros membros da família. A escrita é freqüentemente ilegível, como a fala é ininteligível. Por haver indicativos de alterações em aspectos não específicos da fala (corporais; de aprendizagem), a taquifemia sugere pertencer a um quadro patológico mais amplo.

O termo utilizado para taquifemia em inglês é "clutter" (Novo Michaelis (1961, p.199)) que significa confusão, desordem, amontoar desordenadamente. Para Launay (1979, p.374-376), a característica mais aparente é a taquilalia onde a fluidez se acelera e o indivíduo não é consciente disso. Considera que o fator espasmódico característico da gagueira não se produz no taquifêmico e que a natureza da taquifemia tem suscitado muitas discussões. A conclusão atual da maioria dos autores é em favor

de uma etiologia constitucional na qual existe uma predisposição a neuropatias.

A partir dessa explanação, percebo que para a maioria desses autores a tensão, a ansiedade e o medo ao falar são indicativos (junto com outras características já vistas) da gagueira, auxiliando no diagnóstico diferencial entre gagueira e taquifemia. Acredito que estes dados podem ser tomados como fundamentais, juntamente com as características de bloqueios, repetições e prolongamentos, para detectar uma gagueira e poder diferenciá-la de outros quadros ou até mesmo de uma disfluência natural, como veremos a seguir.

4.2.1.1.2. Diagnóstico diferencial entre gagueira e outras disfluências

Para Spinelli (1983, p.99), o que caracteriza a gagueira diferenciando-a de outros distúrbios da fluência, são: a tensão que aparece antes e durante o ato de falar, a ansiedade frente a situações de comunicação, o medo das palavras. Alguns gogos preparam e controlam tão bem sua fala que a disfluência não aparece, ou é pequena, mas os componentes internos da gagueira estão presentes e são intensos. Esse controle e preparação tornam o ato de falar artificial e trabalhoso.

Friedman (1983, p.57-58) refere que o importante é refletir sobre o que distingue uma pessoa que se considera gaga de falantes que apresentam hesitações e repetições e não se consideram gogos. Refere que o que se percebe naqueles que se consideram gogos é o esforço sistemático, automatizado na sua articulação e que tais características não aparecem nas emissões dos não gogos. Friedman acredita que esse esforço vem da solicitação demasiada de verbalizações na infância em grau não compatível com a capacidade da criança em atendê-la, gerando tensão.

Gottwald, Goldbach e Isack (1985, p.9) colocam alguns sinais que podem nos alertar no sentido de detectar uma gagueira, embora considere que as disfluências possam variar de dia para dia, pela situação e pelo ouvinte. Os sinais têm relação com o tipo e a quantidade de repetições e hesitações. Destacam também a tensão e medo presentes com frequência, na criança que gagueja. Considera que falantes fluentes são aqueles que falam sem muito esforço muscular e sem interrupção à velocidade rápida.

4.2.1.2. Atitudes com a criança que gagueja

Como você acha que deva ser a atitude do(a) professor(a) com a criança que gagueja?

De acordo com as respostas colocadas, dividi em 3 grupos:

a. Com relação ao ambiente escolar:

| Número de Respostas | Resposta |
|---------------------|---|
| 01 | Facilitar seu desempenho dentro do ambiente escolar. Evitar que se sinta inibida e envergonhada. |
| 01 | Incentivá-la para que converse com mais frequência em sala de aula. |
| 01 | Promover um ambiente (situações) em sala de aula que não a deixe constrangida, solicitar sua participação sempre que necessário. |
| 01 | A criança deve sentir confiança no professor ao querer expressar-se. Dessa forma o grupo não irá apresentar comportamentos de riso, imitação. |

b. Com relação à interação professor/criança:

Número de

Respostas

Respostas

- 05 Falar corretamente com ela não deixando que perceba que está sendo corrigida. Procurar corrigi-la de maneira que a criança fale devagar. Fazer falar a palavra devagar e certa. Deixá-la calma antes de falar. Acalmá-la, pedir para falar calmamente ou devagar.
- 05 Procurar não corrigi-la, não completar suas palavras e/ou frases. Deixar que fale normalmente, não a forçando a falar com pressa. Não interferir muito em seu modo de falar.
- 01 Procurar falar sempre com clareza.
- 01 Não recriminá-la, pois isso poderá deixá-la mais insegura do que já é.
- 07 Atitude de calma e aceitação. Ser natural tentando inspirar confiança, segurança, paciência.

- 02 Deixá-la tranqüila, livre de expectativas. Não deixá-la em atitudes nervosas.
- 01 Não mostrar ansiedade quando a criança está gaguejando. Agir naturalmente.
- 01 A gagueira é um problema emocional. Deve ser tratada com paciência e tolerância. Raiva e impaciência só agravam.
- 05 Normalmente, como uma criança normal. Ter uma atitude normal. Trato igual as outras.

c. Com relação à reabilitação:

Número de

Respostas

Respostas

- 01 A gagueira é essencialmente emocional, portanto o tratamento deve ser dirigido para os conflitos psicológicos da criança.

08 Encaminhar ao fonoaudiólogo. Solicitar orientação. Estabelecer contato com os pais para encaminhamento especializado.

Dentre as atitudes do professor com relação a sua interação com a criança que gagueja, observei duas que se opõem:

a) Não corrigir a criança, não completar suas palavras. Deixar que fale normalmente, não a forçando a falar com pressa, não interferir no seu modo de falar.

b) Solicitar que a criança fale devagar, calmamente corrigindo-a para isso. Deixá-la calma antes de falar. Acalmá-la, pedir para que fale calmamente.

Como podemos observar, nas atitudes do item b existe uma interferência diretamente na fala, ou na maneira de a criança falar. Já no item a, não existe uma interferência direta e/ou explícita. O interlocutor interfere a partir de uma postura de certa forma diferenciada.

As atitudes do item b, embora bem intencionadas, não são atitudes muito adequadas com relação à gagueira de acordo com a literatura sobre o tema e observações práticas com pessoas que

gaguejam. (No caso da taquifemia, como já vimos, tais atitudes seriam bastante pertinentes e de grande auxílio).

E por quê essa diferença?

Segundo Johnson (1967, p.320), gaguejar consiste naquilo que o próprio falante faz tentando evitar ou controlar algo que ele acredita estar acontecendo a ele. E (Johnson (1967, p.240)): "gaguejar é o que o falante faz enquanto tenta não gaguejar novamente".

Jakubovicz (1983, p.99) faz uma observação semelhante: "tudo o que o gago faz para evitar gaguejar, é que produz a gagueira". Exemplifica fazendo uma analogia com o ato de andar sobre uma tábua no chão e sobre a mesma tábua no alto entre dois edifícios. No segundo caso estará presente o medo de cair e, se este for intenso, se travará uma luta para evitar a queda. Dessa forma será impossível atravessar, pois o medo de cair produzirá a queda. Acredita que o gago interfere de alguma maneira na sua própria fala pois crê numa dificuldade em falar.

Friedman (1986, p.126-127) acredita que o indivíduo que por motivos já discutidos (vide p. 32) cresce com uma auto-imagem de um mau falante, vivendo uma constante preocupação no "como falar", vai antecipar uma incapacidade de falar bem e falará

então com esforço na tentativa de evitar o aparecimento da gagueira.

Dentro dessa perspectiva, a imagem formada de si como a de um mau falante parece ser o pano de fundo da dificuldade de fala. Portanto, um ouvinte que demonstra uma certa preocupação com a fala da pessoa que se considera gaga, que lhe diz como se deve falar e aguarda ouvir uma fala fluente e "correta", ajudará a desencadear a auto-imagem de mau falante nessa pessoa e esta fará todo o esforço possível para falar bem. No entanto, acompanhando esse esforço está a crença de não ser capaz, justificada pela necessidade desse esforço. Nesse contexto, são gerados sentimentos de medo da incapacidade, pois possivelmente já tem acumuladas várias experiências de fracasso. Uma vez antecipada a gagueira, a expectativa de gaguejar criada é confirmada e assim se desenrola num círculo vicioso. Durante a expectativa aparecem os truques já comentados na p. 15.

Portanto, no desejo de auxiliar aquele que gagueja, chamar a atenção deste para a sua fala é confirmar a auto-imagem de mau falante e suscitar a necessidade de se esforçar para falar bem, o que acaba por desencadear mais gagueira, como já vimos.

Mais adiante, encontrei novamente duas atitudes relativamente opostas:

- a) Ser natural, tentando inspirar confiança e segurança.
- b) Trato igual ao conferido às outras, como a uma criança normal.

Parece haver, no item b, uma negação da existência de uma dificuldade, pois afirmar "como a uma criança normal" pode implicar a percepção de uma anormalidade e, no entanto, negá-la. Parece-me existir aí uma intenção de não invadir um campo de patologia que não pertenceria diretamente ao papel do professor não especializado em educação especial. Mas esta parece ser uma situação irreal, pois as dificuldades habitualmente aparecem nas salas de aula e o professor não pode esquecer que está diariamente com aquela criança por um período de aproximadamente 4 horas diárias por no mínimo 8 meses por ano. Talvez haja uma confusão nesse aspecto devido à orientação que muitos professores e pais recebem de que interferir na fala da criança que gagueja, como comentamos anteriormente, não é a melhor forma de ajudá-la. Mas devemos tomar cuidado para não cairmos no outro extremo, pois acreditamos que uma postura diferenciada tal situação exige.

Continuando minha análise, percebi que algumas professoras saíram do âmbito professor-criança e falaram sobre a sala de aula, o ambiente escolar e os colegas da sala.

E importante fazermos uma observação com relação ao "incentivar que a criança converse com mais freqüência". Essa atitude pode ser considerada pertinente dependendo do "como" tal incentivo é feito. Muitas vezes no intuito de promover tal proposta, corremos o risco de colocar a criança em situação de tensão, cobrando de certa forma que fale e que converse e é aí que está o grande drama do indivíduo que gagueja, pois existem depoimentos de pessoas adultas que gaguejam ou que gaguejaram sobre o quanto evitam e/ou evitaram determinadas situações de comunicação, locais ou pessoas, em virtude das pressões. É importante o incentivo, a facilitação, as oportunidades para se expressar. É fundamental para aqueles que gaguejam e para todos, poderem expressar-se! Mas se queremos auxiliá-los, é necessário que eles sintam confiança para se colocarem e o interesse do seu ouvinte, interesse no que dizem e não no como dizem.

Segundo Johnson (1967, p.289), alguns dos ouvintes da criança são mais importantes do que outros e, portanto, a reação a esses ouvintes poderá variar. Considera que o bom ouvinte está habitualmente relaxado e ouvindo atentamente. Ao possibilitar que o falante se expresse, o ouvinte estará auxiliando-o e, no caso da criança que gagueja, vai encorajá-la a fazer algo que necessita que é falar.

4.2.1.2.1. Sugestões de autores a pais e professores

Johnson (1967, p.298) faz algumas observações com relação ao professor:

1) Muitas vezes a criança pode estar perturbada emocionalmente pela dificuldade em falar e precisa adquirir confiança em si própria. Ela não deve ser forçada a recitar, falar ou ler em voz alta e nem ser censurada quando dominada pelo medo de falar. A professora pode buscar outras vias para desenvolver o desejo de falar e a capacidade para apreciar a fala.

2) Quanto melhor a criança que gagueja falar, mais sentimentos agradáveis ela alcançará com relação à sua fala. É importante que a professora descubra os momentos e situações em que a criança gagueja pouco ou nada. Considero que para isso é necessário que o professor esteja atento à criança e que seja suficientemente sensível às suas manifestações. Tal atitude requer uma certa dose de sintonia com a criança.

Segundo Johnson, quanto mais experiências resultarem em bons sentimentos com relação à fala, mais rapidamente ela irá superando sua dificuldade. Se a criança gaguejar quando falar, a professora não precisa sentir-se culpada e nem a criança deve ser

criticada. É benéfico para ela aprender por experiência que é capaz de uma boa fala. Considera importante encorajar a criança a falar sobre sua gagueira e seus sentimentos a respeito, no entanto, é preciso tomar cuidado, pois é impossível que fale sobre problemas que não reconhece e sentimentos que não tem. Se não há certeza de que a criança reconhece e esteja incomodada com sua dificuldade de fala, nada deve ser dito a respeito. Caso tenha consciência, Johnson considera que a criança aceitará que uma professora suficientemente interessada e amiga converse sobre isso com ela na tentativa de ajudá-la e compreendê-la. Em geral, possibilitar que a criança fale livremente, independente de como fala, lhe trará experiências e sentimentos que ajudarão no seu ajuste pessoal e social na escola e fora dela.

3) Neste item ressalta a importância em favorecer a auto-estima da criança, ajudando-a a desenvolver uma boa opinião sobre si própria. A criança que gagueja, com o tempo, pensa de si como um gago e deixa de ver outras características de si própria. É importante expandir suas oportunidades para jogar, estudar, tocar, cultivar suas qualidades pessoais. Perguntar à criança sobre coisas que fez, ou que lhe aconteceram, nas quais ela se sente bem é uma técnica simples para encorajá-la a manter seu amor próprio. Também as boas qualidades dos outros devem ser consideradas para que a criança confie mais e tenha menos medo do contato com outras pessoas.

Para Johnson, muitos adultos levam a evitação da gagueira ao extremo, evitando trabalhos que requeiram a fala. Muitos demonstram não terem sido estimulados a perceber o valor em aprender, experimentar, conhecer lugares e pessoas novas.

Jakubovicz (1983, p.178-189) faz referências interessantes com relação às atitudes mais favoráveis para a criança de 3 a 4 anos que estão aprendendo a falar. Considero que essas observações possam ser ampliadas às crianças mais velhas que gaguejam. São as seguintes:

Quando a criança tem pouco tempo para falar, poderá temer a perda da atenção do seu interlocutor e não conseguir contar tudo o que queria. Então se apressará a falar e tenderá a apresentar hesitações e repetições. O mesmo quando está com medo ou ansiosa. É importante no processo da comunicação um **feedback** constante entre receptor e emissor, onde passam sinais de escuta e compreensão da mensagem. Sinais inapropriados, ou que cessam podem levar a uma quebra da fluência do emissor. Se a criança percebe que não lhe estão dando atenção, pode pensar que não há interesse no que tem a dizer talvez porque o que diga não seja interessante e por fim que não adianta falar já que não lhe dão atenção. Existem também os interlocutores competitivos que só esperam que seu receptor faça uma pausa para começar a falar sem

parar. Não interromper a fala da criança excessivamente, principalmente quando o que tem a dizer é muito importante e não apressá-la quando está falando, contribui para diminuir as hesitações e repetições. A criança capta facilmente sinais de ansiedade e preocupação nos adultos e logo associará o fato de que a ansiedade e a preocupação aparecem quando ela repete ou bloqueia um som. Jakubovicz acha que algumas crianças talvez até queiram esse tipo de preocupação, pois são crianças onde qualquer atenção é melhor do que a falta dela.

Com relação a falar em público, Jakubovicz considera que é uma situação que gera nervosismo para quase todos. Assim como Johnson, Jakubovicz também não aconselha a pedir que a criança que gagueja exiba suas habilidades verbais. Considera que a criança o fará espontaneamente quando se sentir à vontade. O mesmo para quando estiver muito ansiosa ou emocionada. Acredito que essa atitude deva ser tomada com relação a todas as crianças, pois parece criar um ambiente de espontaneidade além de não discriminar e/ou privilegiar a criança que tem mais dificuldade.

Coloca também um roteiro para os pais que considero que pode ser observado também pelos professores. Aponta a 2ª questão do rótulo de não chamar de, ou se referir à criança como "gaga" (vale aqui a observação de que qualquer rótulo é prejudicial); considera importante que se olhe para a criança quando ela fala

mostrando interesse e prazer em escutá-la; ao ter que interrompê-la, fazê-lo no final da frase e não no começo ou meio. Dar um bom modelo de linguagem, falando calmamente e articulando bem as palavras; não forçá-la a falar em frente de outras pessoas ou exigir que fale coisas além do seu vocabulário; evitar ensinar truques que possam ajudá-la a falar com menos dificuldade (porque, como já vimos, é um auxílio aparente); não terminar as frases por ela; escutar com calma e paciência o que ela tem a dizer. Evitar demonstrar pânico quando a criança bloqueia ou hesita, pois, mesmo que não diga nada, a criança pode percebê-lo nas atitudes do seu ouvinte. Estabelecer um diálogo tranquilo com ela em momentos de descontração, conversando sobre coisas de que ela goste. Aproveitar os dias em que a criança está gaguejando menos para explorar sua fluência (realizar atividades onde a criança se sinta mais à vontade e habitualmente gagueja menos).

Segundo **Gottwald, Goldbach e Isack** (1985, p.13), é importante desenvolver na sala de aula um sistema de turnos de fala onde cada criança tenha a oportunidade para participar e poder falar sem ser interrompida e não somente aquele que fala mais alto ou que é considerado mais competente. Consideram também que o que a criança diz é expressão da sua personalidade e desvalorizar essa contribuição pode diminuir seu próprio valor como falante. Quando as crianças que foram criticadas tentam falar novamente, o farão com temor do valor de sua contribuição.

Esse sentimento de inadequação pode exercer pressão sobre o padrão de fluência.

Como podemos observar, existem muitas formas de se trabalhar com uma criança que tem dificuldade na expressão oral, no caso a gagueira, em sala de aula. Essa gama de atividades depende da criatividade do próprio professor e, mais do que tudo, da sua interação com a criança e compreensão da dificuldade. Como sabemos, cada criança tem a sua história de vida e não podemos buscar normas pré-estabelecidas de atitudes e encaixá-las na criança. O que pode ser útil para uma poderá ser prejudicial para a outra. É importante não nos esquecermos de que a experiência que vivemos com cada uma é única e tem que ser observada dentro do seu contexto.

Dando continuidade a minha análise, passarei à terceira questão do questionário.

4.2.1.3. Dúvidas com relação à gagueira

Você tem alguma dúvida com relação à gagueira?

09 Como agir com o aluno. Como deve ser encarada ou tratada.

- 05 Porque acontece? Causas.
- 02 Como constatar estes defeitos na criança? A dificuldade da pronúncia dos sons [p, b, m, v] é um alerta para este problema?
- 02 A gagueira dificulta a aprendizagem da criança?
- 01 Como trabalhar com a mesma nos primeiros anos de vida?
- 01 Como agir quando a turma começa a perceber a gagueira do amigo?
- 01 A gagueira tem cura?
- 01 No caso da música: porque não gaguejam?
- 03 Esclarecimentos em geral.
- 10 Não.
- 01 Não citou.

Dentre as dúvidas que os professores apresentam, aquelas que aparecem com maior frequência são:

- 1) Como agir com o aluno que gagueja. Como encarar e/ou tratar.
- 2) Causas: por que acontece.

Uma professora coloca a seguinte dúvida: se a dificuldade na pronúncia de certos sons [p b m v] é um alerta para o problema da gagueira. Com relação a esta questão, coloco uma referência de Johnson (1967, p.273) sobre o "efeito de consistência" que se baseia na tendência em se gaguejar sempre nas mesmas palavras. Esse efeito ocorre mais frequentemente com alguns tipos de sons e palavras do que com outros. Isso porque, algumas pessoas que gaguejam estão convencidas de que certos sons ou palavras são mais difíceis. Estão tão condicionadas a reagir com ansiedade e tensão com esses sons, ou palavras que mesmo quando falando consigo próprias algumas vezes têm a reação condicionada costumeira.

Jakubovicz (1983, p.193) refere a possibilidade de a criança dizer que alguma palavra ou som é difícil de falar e que, portanto, lhe deve ser respondido que não existem palavras difíceis. As pessoas é que as tornam difíceis. Sugere, então, que se fale junto com a criança tais palavras para aos poucos ir perdendo o medo delas.

Friedman (1986, p.117) fala em desmistificar a gagueira a nível do pensamento e da percepção da capacidade articulatória.

Outra questão que me parece interessante mencionar e à qual muitos autores fazem referência é o fato de o indivíduo que gagueja não gaguejar quando canta e aí podemos acrescentar situações semelhantes como: recitar, representar, imitar, falar com animais ou crianças.

Jakubovicz (1983, p.89) e Johnson (1967, p.268-272) colocam algumas situações onde a gagueira diminui ou nem aparece: mudanças no padrão da fala (tonalidade, intensidade, entoação da voz), presença de um material onde as palavras já são conhecidas, contexto onde a responsabilidade comunicativa é reduzida; na ausência de reações desfavoráveis do ouvinte; quando se fala acompanhado de outra atividade (andar, gesticular); na presença de uma estimulação forte ou incomum (ler em coro, falar em ambiente barulhento).

Como podemos ver, são situações que envolvem uma diminuição do grau de ansiedade decorrentes dos efeitos de distração e/ou ou situações onde a gagueira não é esperada, não é antecipada. Em algumas delas não está envolvido um planejamento imediato de produção de fala. A necessidade de uma produção imediata

acarretaria o aparecimento dessa ansiedade. Podemos observar também a presença de fatores que funcionam como truques. Segundo Johnson (1967, p.276), o comportamento da gagueira é antecipatório, pois quanto mais apreensivo em gaguejar mais facilmente ela se fará presente.

Não podemos nos esquecer de que, embora tais situações ocorram de forma semelhante nos indivíduos que gaguejam, elas não funcionam como regra para todos. Podem existir situações que, enquanto para uns facilitam a fluência, para outros poderão perturbá-la. É o caso, por exemplo, da leitura em voz alta, utilizada como recurso por vários professores para verificar a fixação dos grafemas, a utilização da pontuação e, para muitos, para desinibir a criança e torná-la mais comunicativa e sociável. No entanto, é uma atividade que parece criar uma discordância entre autores e entre estes e depoimentos de indivíduos que gaguejam.

Dinville e Gaches (1979, p.342) referem que, em geral, a gagueira se atenua ou desaparece quando a criança lê em voz alta pelo fato de ter diante de si um texto preparado de antemão, o que aliviaria o gago de sua ansiedade.

Meira (1986, ps.65,69,71,78,83) e Friedman (1986, p.47 e 94) citam depoimentos de indivíduos que gaguejam onde relatam

situações relacionadas à leitura em voz alta. Esses depoimentos não nos transmitem sentimentos agradáveis e tranquilos com relação a esse tipo de leitura, mas sim sentimentos de medo, apreensão, atitudes de evitação de tal situação, presença de tensão e ansiedade, alteração da respiração e nervosismo.

Nas entrevistas com os professores também encontrei essa oposição. Enquanto para duas crianças a leitura em voz alta parecia ser uma atividade tranquila, para outro era algo muito difícil levando-o ao choro.

Talvez, a colocação de Dinville e Gaches feita acima tenha relação com o que Johnson e Knott, Van Riper e Hull (apud Johnson (1967, p.272)) observaram e chamaram de "efeito de adaptação", que consiste no decréscimo da gagueira diante de leituras sucessivas de um mesmo trecho escrito, ou ainda com o que Friedman (1988, p.38) coloca num outro momento sobre o fato de o indivíduo ter sido ou não o autor daquilo que está lendo. Ela acredita que a gagueira possa aparecer quando o indivíduo lê para outros aquilo que ele próprio escreveu sendo portanto o responsável pelo conteúdo lido.

De qualquer forma, considero um ponto fundamental sobre o qual refletir a temática da leitura em voz alta: qual a sua

finalidade e de que maneira ela é feita, independentemente de haver ou não crianças que apresentam gagueira.

Uma vez que estamos falando de situações facilitadoras ou não da fluência, gostaria de colocar também a situação da conversa ao telefone. Segundo **Dinville e Gaches** (1979, p.343), esta é uma situação variável. Para alguns é uma prova insuperável porque provoca inibição, para outros, a ausência face a face do interlocutor faz desaparecer a angústia e atenua a gagueira.

Jakubovicz (1983, p.43) refere que quase todas as pessoas que gaguejam têm medo de falar ao telefone. Isso porque o gago sabe que deve começar a falar num espaço de tempo consideravelmente curto, pois se não o fizer, seu interlocutor poderá desligar o telefone. Tal situação pode desencadear uma determinada tensão e medo de falar.

E válido colocar também o comentário feito por **Dinville e Gaches** (1979, p.43) no que se refere à fala de uma língua estrangeira. Quando o gago fala uma língua estrangeira que conhece mal, a preparação das frases e lentificação do discurso freqüentemente reduzem, ou fazem desaparecer a gagueira (sob meu ponto de vista a gagueira não "desaparece" - o que faria crer que ela existe permanentemente -, simplesmente ela deixa de aparecer).

Uma professora questiona se a gagueira dificulta a aprendizagem da criança. Segundo a literatura consultada, não parece haver uma relação direta entre gagueira e aprendizagem. Considero que possa haver uma relação contextual ou seja: à medida que a gagueira passa a ser sentida como um problema, ou um obstáculo pela criança, o seu contexto social de relações e aprendizagem pode também ser afetado. Isso porque estarão envolvidos sentimentos de medo, insegurança, tensão, além de uma auto-imagem e auto-estima "negativas". Se acreditarmos que a possibilidade da aprendizagem está relacionada a aspectos emocionais, a situações vinculares na família, na escola e em outros ambientes, podemos dizer que o que afeta a aprendizagem não é a gagueira em si mas a forma como os elementos importantes para a realização da aprendizagem estão sendo articulados. De qualquer forma, se configura o ambiente, a totalidade da criança. Mas não é regra que transtornos emocionais resultem sempre em problemas de aprendizagem.

É preciso levar em consideração também que muitas vezes por medo de gaguejar a criança se recusa a participar de certas atividades, ou a responder questões orais, parecendo portanto não saber aquilo que lhe é perguntado e podendo ser interpretada de forma errônea. Van Riper (1947, p.284) coloca que o gago prefere

parecer ignorante ao invés de expor sua incapacidade quando interpelado na escola.

As dúvidas sobre as causas da gagueira e possibilidade de cura me levam a pensar no interesse dos professores em investigar e conhecer melhor a patologia em si denominada gagueira. Esse tema não será explanado aqui porque já foi discutido anteriormente (vide item 3.2.2.).

Também as questões que se referem ao como agir com a criança que gagueja, como encará-la, já foram discutidas no item 4.2.1.2.1. É importante uma observação que fiz durante a análise das respostas do item anterior (atitudes) de que muitas das respostas procuradas pelas professoras com relação a esse item e colocadas como dúvidas encontram-se nas suas próprias colocações. Isso me faz pensar que existe um conhecimento talvez a nível intuitivo com relação à gagueira que necessita ser discutido, intercambiado e aprofundado, além de formalizado teoricamente.

4.2.1.4. Sugestões e colocações feitas pelos professores:

Este item tem relação com a 10a. questão que na verdade foi elaborada visando propiciar aos professores um espaço para aqueles que desejassem fazer algum comentário a respeito da minha

proposta. Dos 28 professores, apenas 4 fizeram colocações (em anexo). O comentário sobre elas será feito no final deste trabalho dado o conteúdo que apresentam.

4.2.2. Entrevistas e observações em sala de aula

Dos 4 professores entrevistados, um referiu nunca ter tido um aluno com gagueira na época do questionário. No entanto, no momento da entrevista, esse professor estava com um aluno não na escola mas no curso de catequese, o qual ministrava. Esse aluno era um adolescente de aproximadamente 14 anos de idade e cursava a 4a. série, o que fugia da minha proposta inicial. Entretanto, dei prosseguimento à entrevista.

As entrevistas foram previamente elaboradas com perguntas relacionadas com a criança que gaguejava (que referiam ter ou ter tido gagueira) e perguntas relacionadas à gagueira enquanto patologia. Estas últimas dariam margem a uma amplitude de respostas diferente das primeiras, propiciando um momento de reflexão sobre suas próprias hipóteses independentemente de um conhecimento teórico que pudessem ter.

Foram elaboradas as seguintes questões relacionadas a:

I) Criança

- Informações sobre a família
- Desempenho escolar e potencial intelectual
- Lateralidade
- Atividades em sala de aula, mais especificamente, a leitura em voz alta
- Relacionamento e atitude dos colegas.

II) Gagueira

- O que você acha que é a gagueira?
- O que você acha que causa a gagueira?
- Como você acha que a pessoa que gagueja se sente?
- Você acha que a gagueira tem cura?

No transcorrer das entrevistas outras questões e colocações surgiram, de acordo com a necessidade do entrevistador e do entrevistado. Essa postura de não limitar-se às questões programadas permitiu explorar melhor os aspectos, além da presença de um conteúdo que não teria espaço caso as questões fossem fechadas.

Objetivo das questões do item I:

-**Família:** esta questão visava apenas situar um pouco a criança sobre a qual estávamos conversando: localizá-la dentro do seu grupo familiar, visualizando seus componentes e suas relações além de procurar saber se na família havia mais pessoas com a mesma dificuldade de fala ou outra. Logicamente as informações eram bastante restritas e não era objetivo da minha proposta aprofundar esse tema.

-**Desempenho escolar e potencial intelectual:** o objetivo aqui era verificar até que ponto a dificuldade de fala - gagueira - interferia no desempenho escolar da criança tendo em vista o que foi comentado anteriormente em termos de aprendizagem. Caso interferisse, como se dava essa interferência e como o professor lidava com essa problemática.

-**Lateralidade:** esta é uma questão bastante discutida pelos autores. Tabith ([19_], p.4) comenta que alguns autores acreditavam haver relação entre gagueira e dominância cerebral incompleta, colocando uma relação de causa e efeito entre ambidextrismo, canhotismo e gagueira. Coloca ainda que em trabalhos mais recentes não se aceita tal relação.

-**Atividades em sala de aula:** o objetivo desta questão seria o de verificar quais as situações em sala de aula que favorecem o aparecimento da gagueira, ou que facilitam a fluência. Como se

dariam essas atividades e quais as reflexões que surgiriam a partir delas.

-Relacionamento e atitude dos colegas: este aspecto seria explorado visando à relação da criança com os colegas de sala de aula e vice-versa. Como as crianças lidam com a dificuldade de fala do colega, como o professor lida com essa situação e como a criança reage.

Num segundo momento, após as entrevistas, essas questões seriam observadas em sala de aula.

Uma vez que, dos 3 professores que tinham aluno com gagueira no momento da entrevista, apenas 2 estavam dentro da minha proposta (cursar primeira série), foram feitas somente 2 observações:

Criança A: foram realizadas 3 observações desta criança em dias diferentes. A primeira delas em uma aula de educação física por aproximadamente 40 minutos e 2 delas em sala de aula por aproximadamente 90 minutos cada. Não foi constatada em nenhuma das observações a presença de fala gaguejada.

Em sala de aula, durante atividade de conversa espontânea e atividade sistemática (chamada) a criança não apresentou

alterações na fluência, truques, evitação, tensão ou qualquer outra alteração importante. O mesmo foi observado nas atividades de leitura em voz alta individual e coletiva, com texto novo e conhecido.

Após as observações, a professora comentou que 15 dias antes da observação, A estava gaguejando bastante e que, por causa desconhecida, melhorou muito. Refere que nessa época, aproximadamente, o pai de A comentou que batia na criança quando esta não queria ler e a professora aconselhou-o, então, a não fazer mais isso.

Seria realizado um contato mais direto com a criança para observar melhor sua comunicação oral, mas considerei que a continuidade estaria prejudicada uma vez que foi dito às crianças pela professora que o observador estava em sala de aula verificando seus desempenhos e se faziam as atividades corretamente. Coincidentemente era final de ano letivo e minha intenção era ter um contato mais espontâneo com a criança.

Criança B: foi observada uma vez por aproximadamente 90 minutos em sala de aula. Também esta criança não apresentou sinais de disfluência acompanhados de tensão, truques, evitação ou qualquer outra alteração que pudesse sugerir uma gagueira. Em sala foram realizadas atividades orais de contar histórias e

atividades gráficas. A criança B foi a primeira a se prontificar a contar histórias e contou 2 delas. Foram observadas, segundo Scliar-Cabral, Martim e Chiari (1981, p.126), pausas plenas do tipo repetição que se caracterizam pela reduplicação de palavras, sílabas ou fonemas com função de manter a unidade do tema, no caso, a história que estava sendo contada. Tais pausas são comumente encontradas no falante adulto considerado normal. Também as outras crianças da sala apresentaram esse tipo de repetição quando contavam suas histórias.

Observei também na criança B trocas de fonemas por traço de sonoridade além de omissão dos fonemas /k/ e /g/ com substituição sistemática por golpes de glote.

No final da observação foi indagado à professora se era dessa maneira que a criança costuma falar. A professora confirmou e por fim se questionou se tal quadro seria realmente um quadro de gagueira.

Diante dessas observações (criança A e criança B) não considerei pertinente comentar a respeito das questões da entrevista relacionadas à criança (lateralidade, desempenho, etc.), pois não foi confirmada a presença de uma disfluência mais acentuada em ambas as crianças que pudesse ser reconhecida como

uma gagueira, o que tornaria portanto dispensável comentar tais questões. (No entanto elas seguem em anexo).

Conclui após essas observações:

- Com relação à criança A, não foi possível verificar a que se referia a professora ao responder o questionário e à entrevista. Suponho que tal criança deixou de gaguejar poucos dias antes das observações, pois embora a professora da sala e também o professor de educação física tenham dito que A gaguejava quando muito nervoso, a professora notou uma modificação nos últimos dias. Não temos dados suficientes para uma melhor compreensão dessa alteração, pois a própria professora confirmou que naqueles dias de observação a criança não estava gaguejando.

- Com relação à criança B, parece que não houve uma modificação no padrão de fala da criança pois a professora confirmou ser o padrão observado o mesmo ao qual se referia na entrevista. Por essa razão é que não foi feita uma segunda observação. O que posso concluir é que essa professora não tem dados suficientes para distinguir uma gagueira de um (no caso) distúrbio articulatorio. Parece não ter elementos suficientes para reconhecer uma gagueira e distingui-la de outra dificuldade de fala, confundindo-a com

outra patologia. O mesmo ocorre quando comenta sobre uma outra criança com problema de fala que troca sílabas e que refere "não ser bem uma gagueira".

Dando continuidade a análise, parto agora para as questões do item II, relacionadas à gagueira.

O objetivo destas questões era explorar as possíveis hipóteses que os professores teriam a respeito da gagueira ou de formulá-las no decorrer da entrevista, caso não as tivessem anteriormente.

A questão 2 (o que você acha que causa a gagueira?) foi respondida dentro da questão 1 (o que você acha que é a gagueira?). Dessa forma tratarei das mesmas conjuntamente.

Obtive as seguintes hipóteses:

Professora A: acredita que possa ser um problema congênito, algo que já vem com a criança. Aventa vagamente a possibilidade de ser decorrente de algum outro problema, mas não saberia dizer qual.

Professora B: acredita na possibilidade de ser um problema que se inicie na própria casa do indivíduo caso haja outras

pessoas com esse problema e por essa convivência, escutando aquele que já gagueja, o processo se desencadeie. Acredita ainda que possa até haver outras causas, mas que as desconhece.

Professora C: Acredita que seja algum problema de desenvolvimento desde a fase embrionária. Algo que falta no campo do crescimento e compara às pessoas que têm pontos falhos que precisam ser reforçadas, ou ainda a etapas nas quais se dão certos processos como o de aquisição da linguagem, onde uma das etapas falha ou precisa ser mais estimulada. Considera também que haja uma gagueira emocional que acredita ser a mais comum. Nesta, a causa pode ser uma rejeição da mãe desde a concepção do feto, uma separação dos pais ou qualquer outro motivo que aparentemente pode não nos significar nada mas que para a criança seja algo muito importante gerando esse tipo de sintoma.

Professora D: Acredita que deva ser algum susto que a mãe grávida leva, ou algum problema que a criança tenha ao nascer ou às vezes até mesmo algum problema durante a infância, este mais a nível emocional, algo que faz com que a pessoa se torne gaga. Acredita ainda que possa haver pessoas que nascem gagas e outras que têm uma gagueira de infância.

3. Como você acha que a pessoa que gagueja se sente?

Professora A: (respondeu baseada na criança que tinha em sala de aula). Acredita que fique ansiosa, nervosa. Faz referência à leitura em voz alta onde a criança chega até a chorar porque deve ter um constrangimento muito grande.

Professora B: acredita que a pessoa possa se reprimir um pouco em determinados lugares.

Professora C: a pessoa deve sentir algo horrível. Mas depende da pessoa porque há certas pessoas que têm problemas físicos ou doenças e reagem muito bem a isso. Refere que não é possível enquadrar "todos os gogos são isso, temos que agir de tal forma". Depende da pessoa (mais extrovertida, mais tímida). Considera que devemos saber "jogar", pois cada um é diferente.

Professora D: imagina que a pessoa deva sentir vergonha, vergonha de falar. Mas fica em dúvida, pois a criança que conhece participa muito, parece que é normal.

4. Você acha que a gagueira tem cura?

Professora A: acredita que com tratamento possa ter cura embora tenham problemas que às vezes são congênitos e não têm cura. Acha que pelo menos pode melhorar.

Professora B: não foi feita a pergunta.

Professora C: acha que depende do tipo da gagueira. Acredita que se é uma gagueira emocional, por um problema emocional, tem cura. Mas se de repente o problema que causou a gagueira não foi solucionado, vestígio vai haver.

Professora D: acredita que sim, que possa ter cura.

Baseada nas respostas dadas pelas professoras, agrupei-as nas seguintes hipóteses:

1) **Orgânica** (gagueira como uma doença, como algo que permanece no indivíduo. A pessoa nasce gaga e pode apresentar melhora).

- problema congênito, algo que vem com a criança, que talvez possa melhorar com um tratamento.

- problema de nascimento, ou decorrente de um problema com a mãe na gravidez.

2) **Emocional** (gagueira como um sintoma de alguma problemática).

- rejeição dos pais
- separação dos pais
- qualquer acontecimento que tenha um significado importante para a criança mesmo que para as pessoas ao redor pareça insignificante.
- problemas durante a gravidez ou infância

3) Por imitação

- por escutar sempre alguém falar gaguejando, começa a falar igual.

4) De desenvolvimento

- uma falha em alguma etapa do desenvolvimento intra-uterino ou pós-uterino. Tais pessoas precisam ser estimuladas.

5) Outras

- algumas dessas professoras entrevistadas pressupõem a existência de outras hipóteses as quais não souberam explicitar.

Concluindo, parece-me que os professores têm suas hipóteses sobre a gagueira e que a diversidade encontrada na literatura se apresenta refletida nesta pequena amostra de professores. As várias interrogações com as quais se defrontam fazem parte das interrogações que os pesquisadores também apresentam.

Essa diversidade se mostra como dado real e devemos considerar que alguns dos professores que participaram deste trabalho nem sequer tomaram contato com essa literatura tão diversificada.

Retornando ao item 4.2.1.4., com relação às questões e colocações que surgiram nos questionários e nas entrevistas, considere importante comentar algumas observações feitas nos questionários e uma colocação de uma das professoras entrevistadas.

A professora C, em um determinado momento da entrevista (em anexo) "reclama" mais recursos para lidar com uma criança que apresente determinadas dificuldades e isso não se restringiria à gagueira. Parece-me que essa professora está fazendo uma importante denúncia com relação à formação de profissionais de sua área, no que se refere a problemas comumente encontrados no dia-a-dia da escola.

Também aquelas que responderam à 10a. questão do questionário sentem necessidade de referências teóricas; uma delas coloca sua falta de conhecimento sobre o assunto, acreditando que outros educadores também a tenham. Tal colocação pode ser relacionada com a queixa da professora C quando fala do seu despreparo para lidar com certos problemas.

Essa situação, que foi problematizada, me sugere que a responsabilidade daqueles que formam os educadores pode ser compartilhada com os fonoaudiólogos na medida em que podemos buscar um espaço dentro dessa formação visando propiciar oportunidades aos educadores e a nós mesmos para reelaborarmos nossas hipóteses com relação à linguagem e suas patologias através de cursos, palestras, elaboração de material e outras atividades que proporcionem reflexões.

5. CONCLUSÕES

Partindo do objetivo deste trabalho que buscava reflexões sobre a gagueira baseadas na relação dos professores com essa patologia e suas prováveis hipóteses sobre a mesma, alcancei as seguintes conclusões:

- Existe uma diversidade de hipóteses teóricas, definições e explicações etiológicas sobre a gagueira na literatura. Algumas com pontos semelhantes entre si e outras bastante distintas.

- A mesma diversidade é encontrada nas hipóteses explicitadas pelos professores.

- Alguns professores parecem ter alguma dificuldade em reconhecer uma gagueira, tendo como referência características isoladas que podem ser facilmente confundidas com outras patologias ou mesmo com uma disfluência natural.

- Os professores apresentam com relação àquele que gagueja, atitudes que parecem auxiliar a criança dentro daquilo que se descreve na literatura e outras, embora bem intencionadas, inadequadas para essa problemática.

- Os professores colocam determinadas dúvidas que, talvez sem perceberem, já foram respondidas por eles mesmos em algum outro momento dos questionários, levando-me a pensar que existe um conhecimento implícito sobre a gagueira que necessita ser confirmado formalmente, ou simplesmente ser reconhecido.

Parece-me válido, após a colocação dessas conclusões, retomar a questão inicial do item 3 onde coloco duas possibilidades para explicar essa diversidade citada acima:

O desconhecimento da gagueira e a veracidade das teorias (uma vez que cada indivíduo tem sua história própria).

A primeira nos leva a prosseguir buscando o desvelamento da gagueira. A segunda, a um profundo conhecimento da história de vida do indivíduo que gagueja e a uma abertura para as várias correntes, permitindo ao menos questioná-las dentro do contexto com o qual estamos nos deparando.

Dentro da minha proposta de apresentar pontos de reflexão, acredito que eu, o leitor deste trabalho e também os professores que me possibilitaram a pesquisa possamos hoje estar remexendo nossas hipóteses e dando oportunidade a um outro imaginário, à construção de um outro sentido e significado para a gagueira.

É através desse processo de permitir uma contínua reformulação de idéias que podemos construir novas perspectivas.

6. ANEXOS

6.1. Questionários

3- Como os professores reconhecem que uma criança é gaga ?

1. Observando sua maneira de falar.
2. Na maneira de falar.
3. Quando não consegue falar claramente, repetindo várias vezes a mesma sílaba em uma palavra.
4. Pela maneira de falar com dificuldade, de formar as palavras e repetição da sílaba.
5. Pela repetição de sílabas.
6. Se a criança repete certas sílabas ou faz alguma interpretação diante de outras e soltando-as de repente. Normalmente com os sons p, b, m e v existem mais dificuldades.
7. Quando ela apresenta dificuldade em expressar-se oralmente. Parte das sílabas das palavras são repetidas várias vezes.
8. Quando ela pronuncia as palavras com dificuldade.
9. Pela maneira de falar e se expressar. Geralmente essas crianças prolongam a fala de uma palavra.
10. Pela timidez e pela maneira de falar.
11. A partir do momento em que a criança começa a repetir várias vezes uma palavra.
12. A criança que tive ficava muito nervosa quando era pedida uma expressão oral. Ficava um pouco tímida quando tinha que se dirigir ao grande grupo. Quando cantava não gaguejava.

13. Pela fala. Apresenta muita dificuldade para falar repetindo a mesma sílaba.

14. Porque elas tem dificuldade em pronunciar as palavras e fica repetindo.

15. Geralmente alunos que tem dificuldade oral, que não apresentam uma boa articulação dos sons.

16. Quando a mesma vai se comunicar e tem dificuldade para transmitir ou falar a palavra. Ou quando tem ansiedade de dizer algumas coisas.

17. Quando a criança fica repetindo muitas vezes a mesma sílaba encontrando dificuldades para soltar as demais sílabas para formar a palavra.

18. A criança demonstra sua gagueira principalmente nos momentos de maior nervosismo e também nos momentos em que existe uma grande expectativa por parte do professor e dos colegas para que ela se expresse. Essa gagueira é frequente e não eventual.

19. Através da maneira de falar.

20. Ao falar a criança apresenta dificuldade, como um embaraço fônico.

21. Quando a criança demora a colocar sua idéia.

22. A criança é tímida e suas atitudes não são espontâneas, mas, esse tipo de comportamento pode ser atribuído à outros fatores também. A gagueira é perceptível realmente, quando ela se pronuncia oralmente.

23. Quando a criança fala gaguejando.

24. No modo como fala.

25. Porque ela custa soltar as palavras.

26. Pelo modo de falar !

27. -

28. Quando esta criança tem muita dificuldade na sua dicção. Não consegue se expressar muito bem. Esta criança repete sons.

4- Como os professores acham que devem agir com a criança que gagueja.

1. Procurar falar sempre com clareza.

2. Procurar corrigi-la de maneira que a criança fale devagar.

3. Falar corretamente com ela, não deixando que ela perceba que está sendo corrigida.

4. Acho que deve ser natural, tentando inspirar confiança e segurança.

5. Sendo a gagueira um problema emocional há necessidade de ser tratada com paciência e tolerância.

6. Ela é essencialmente emocional, portanto o tratamento deve ser dirigido para os conflitos psicológicos da criança. Ser paciente, tolerante e confidente; a raiva e a impaciência somente agravarão a situação.

7. Atitude de calma e aceitação.

8. Encaminhar a criança para uma pessoa habilitada. Fonoaudiólogo.
9. Facilitar o seu desempenho dentro do ambiente escolar. Evitar que essa criança se sinta inibida e envergonhada.
10. Incentivá-la para que converse com mais frequência em sala de aula.
11. Deve procurá-lo tratar como as demais crianças. Procurar deixá-lo calmo antes de falar.
12. A atitude deve ser normal. A criança deve sentir confiança no professor ao querer expressar-se. Assim agindo, o grupo todo não irá apresentar comportamentos tais como: risos, imitação....Ser muito paciente e deixar que ela fale como pode. (Evitar terminar de dizer a palavra).
13. O professor deve ser bem paciente e ter muita calma com a criança gaga e encaminhá-la para a fonoaudióloga.
14. Nunca trabalhei com aluno gago !
15. Normalmente. Como uma criança normal.
16. Acalmá-la, pedir para falar calmamente ou devagar.
17. Ter muita paciência, e encaminhar esta criança para um(a) fonoaudióloga(o).
18. Acredito que o professor deve deixar a criança bem tranquila, livre de expectativas. Além disso, procurar não corrigi-la, não completar suas palavras e/ou frases, não mostrar ansiedade no momento em que ela está gaguejando, enfim agir naturalmente.

19. Deverá ter uma atitude normal e procurar ajudá-la da melhor maneira possível.

20. Se ela (cr) já está sendo trabalhada com uma fonodíloga, devemos pedir a esta uma orientação certa.

21. Deixar que ela fale normalmente, não forçando-a a falar com pressa e encaminhá-la ao especialista.

22. Promover um ambiente (situações) em sala de aula que não a deixe constrangida, solicitar sua participação sempre que necessário e estabelecer contatos com pais para encaminhamento especializado.

23. Orientar aos pais que procurem um profissional para que este o oriente sobre o problema.

24. Trato igual às outras.

25. Ter calma, não apressar quando estiver falando.

26. Atitudes calmas, sem muita interferência em seu modo de falar. Nunca deixando a criança em atitudes nervosas.

27. Corrigir corretamente quando o aluno gaguejar, o professor deverá fazer falar a palavra devagar e certa.

28. Não devemos recriminar, pois poderá deixar a criança mais insegura do que ela já é. Acho que devemos falar com uma pessoa especializada, para poder ajudar esta criança de alguma forma.

5- Quais as dúvidas dos professores com relação à gagueira?

1. Como agir com o aluno.
3. Como trabalhá-la? Quais os recursos utilizados?
4. Porque acontece? Como deve ser encarada ou tratada, no sentido de resolver o problema - tratamento para cura e também como devemos lidar com ela.
5. Como constatar estes defeitos na criança?
6. Como diagnosticar estes defeitos da fala na criança?
9. Como realmente tratar a criança gaga. A gagueira dificulta a aprendizagem da criança?
10. Porque surge a gagueira e como trabalhar com a mesma nos primeiros anos de vida.
11. Não tenho dúvidas porque nunca trabalhei com criança gaga. Gostaria de ter informações de como trabalhar com uma criança gaga.
12. No caso da música: porque eles não gaguejam?
13. (Assinalou ter dúvidas mas não as mencionou).
16. Que atitudes tomar! Como devo agir quando a turma começa a perceber a gagueira do amigo? Que atitude tomar com a turma e a criança?
17. Gostaria de ter esclarecimentos, pois eu como educadora de 1a. a 4a. série poderei vir a ter alunos com esse problema.
18. Principalmente no tocante ao procedimento em relação à gagueira e também no tocante às causas.

19. O tratamento que deverá ser feito para que haja melhora. As causas.

20. Várias.

21. Se a gagueira persistir, como tratar?

25. Tudo.

26. De que é proveniente. Se tem cura. Se a gagueira pode afetar na aprendizagem.

Os professores que responderam os questionários de números: 2, 7, 8, 14, 15, 22, 23, 24, 27 e 28 assinalaram não terem dúvidas com relação à gagueira.

10- Observações

13. É bom que venha orientar o professor na escola.

16. Espero que sua pesquisa dê certo e que mais tarde possa ser transmitida a todos nós. Boa Sorte.

17. Achei muito interessante este assunto vir à ser discutido nas escolas, pois é um problema que pode surgir em qualquer classe e como eu, pode ter outros educadores sem noção como lidar com esses alunos.

18. Seria interessante enviar referência bibliográfica referente ao tema.

6.2. Entrevistas

Entrevista A

(...)

- Você sabe alguma coisa da família, alguma coisa que chame a atenção, da mãe, do pai...

- (...) o pai é zelador. Moram numa kitchenette (...) são 3 filhos. Parece ser uma família carente (...) devem ganhar pouco.

- Você sabe se algum dos irmãos também é gago?

- Não, pelo menos o da 4a. série não é.

- A mãe falou alguma coisa sobre isso com você?

- Nunca falou.

- Você sabe se se dão bem dentro de casa?

- Não sei. O pai é meio nervoso (...) a conversa dele não é muito tranqüila (...) fala rápido, ligeiro. Dá impressão que o menino tem um pouco da fala dele, de falar assim rápido, meio nervoso assim.

- Mas o pai não gagueja?

- Não, não percebi não.

- (...)

- Você sabe me dizer que mão ele usa para escrever?

- (...) ele escreve com a direita.

- Você não percebe mudanças?

- Não.

- E aqui na classe, como que é o desempenho dele na lição, ele faz as coisas?

- Pois é, ele faz as coisas, mas é muito distraído (...) fica horas assim longe (...) tenho que chamar a atenção de vez em quando (...) e fala muito pouco (...) é uma criança tímida até. Não sei se devido à fala dele, do problema que tem na fala (...) é muito ausente, não participa muito da aula. Prá copiar as coisas, preciso estar em cima dele o tempo todo (...), a letra não tem capricho (...), é um trabalho para entender o que ele escreve (...), aí você vê que está certo (...) e não lê. Ler ele não lê!

- Em voz alta?

- E.

- Como que é essa atividade que você faz?

- A leitura que digo é assim como agora na cartilha. Eles fazem em conjunto. Eles lêem. Depois lêem individualmente (...) acompanha, o outro para, o outro lê, faz no quadro (...) ele não lê!

- Quando lê em conjunto, ele lê junto?

- Em conjunto ele lê. Pelo menos eu acho que ele lê (...) abre a boca. Mas com os outros, ele vai naquele embalo.

- Individualmente ele nem tenta?

- Não quer saber! Aí a lágrima corre, chora! E fica ali quietinho naquela timidez dele e não abre a boca, não há quem faça. O problema dele é esse.

- **Você faz a leitura em voz alta com que objetivo?**

- (...) justamente que a criança tem que aprender a ler em voz alta, prá todo mundo escutar, prá identificar se está lendo certo (...) e também o outro lado social que é o lado para desinibir; (...) quanto mais alto eles lêem mais a gente elogia, a gente diz que mais bonito tá.

- **Só que no caso dele dá o contrário!**

- Tem aqueles que lêem baixinho, às vezes é da criança (...), tem uns que se destacam, que gostam de ler alto. Já tem aqueles que lêem bem baixinho, então a gente fica às vezes forçando para lerem mais alto um pouquinho. Mas às vezes é da própria criança, a gente não vai forçar uma coisa assim, né (...). Mas ele nem lê, não há quem faça.

- **Com relação às outras crianças, você acha que ele é uma criança inteligente, apesar de ser distraído?**

- Ele é (...): matemática ele aprende, faz as continhas. Agora, ele é meio lento, entende? Não tanto no raciocínio, mas no copiar (...), mas ele tem aprendizagem, ele consegue aprender.

- **Quando ele fala, como que as crianças reagem?**

- Não, naturalmente, não tem isso.

- **Não falam nada, não ficam rindo?**

- Não, porque eu já não permito isso, desde o início a gente tira essas coisas.

- **Como é que você faz isso, o quê você conversa com eles?**

- (...) eu converso com ele, vou ali. Eles ficam tudo (gesto de silêncio). Eles respeitam ele, ficam quietinhos esperando. Eu digo: "anda A, todo mundo quer ver tu ler, teus coleguinhas querem ver você ler, anda, lê prá todo mundo escutar que você sabe". Ele faz o ditado certo (...), eles ficam tudo quieto esperando (...), mas ele não lê.

- Quando ele começa a gaguejar, eles esperam ele falar ou completam para ele?

- Eu percebo que eles escutam ele falar assim. Ele se comunica com as outras crianças.

- Não interrompem?

- Não (...), inclusive ali ele conversava que era uma coisa com os outros. Ai eu tirei (...), botei aqui prá ficar mais perto de mim, prá dar mais atenção justamente, né?

(...) eles aceitam ele bem.

- Tanto meninas como meninos?

- E (...).

- (...)

- Tem algum outro momento da aula que você percebe que ele fica assim mais nervoso ou só quando lê em voz alta?

- Não, ele participa (...), se sociabiliza bem com os outros (...), eu acho que é por causa da gagueira dele que ele não gosta de ler.

- Quando ele tá com as outras crianças fora, você acha que protegem ele, não protegem ou você nunca percebeu?

- Não, nunca senti (...); acho que eles têm ele como igual.
- O quê que você acha que é a gagueira?
- Eu não sei, realmente não sei.
- O quê você imagina?
- (...) se é um problema congênito, né? Se é uma coisa que já vem, ou se foi de algum problema assim, porque a mãe dele é difícil para vir aqui (...) e o pai nas poucas vezes que veio só diz que ele é assim (...) e não sabe por que.
- E na tua cabeça, assim, você acha que o que causa a gagueira é um problema congênito, ou você acha que é outra coisa também?
- Não sei, acredito que seja assim um problema que já vem.
- Você acha que tem cura?
- Bom, acho que com tratamento pode ter cura (...) se bem que tem problemas que às vezes quando é congênito não tem cura, né? Mas acho que pode melhorar, né? (...) nessa idade ele já deveria até ter começado, né? (...), a gente faz o que pode, mas infelizmente não está bem ao par do que é isso aí.
- Como você acha que ELE se sente quando ele gagueja?
- Ele fica ansioso, nervoso. Por isso é que eu não exijo com ele: que ele leia, não fico assim apelando naquilo ali (...), eu sei que ele não quer, não adianta, né? (...), se ele chega até a chorar (...), tem um constrangimento muito grande. (...), ele fala bem rápido quando ele consegue dizer alguma coisa e depois ele (...) consegue dizer aquilo e fala bem ligeiro (...).
- Ele faz alguma coisa de corpo junto, bater o pé, piscar?

- E, às vezes ele pisca assim um pouco (...), agora também não é aquele gago, gago, muito acentuado.

- Tem hora que ele fala normal?

- Tem hora que ele consegue falar até normal, só que (...) não sei... com as outras crianças ele fala rápido assim demais, assim. E pouco. Fala pouco.

(Pausa. Fala da casa, que o pai cobra de A que leia em voz alta).

- Em casa também o pai faz ele ler, e quando ele não lê, ele bate?

- Aí é quando ele diz que dá-lhe uns tapas. Eu digo que ele não deve fazer isso aí (...). Se o menino já é nervoso, eu noto que ele tem uma coisa: "O... o... o... o tia. Deixa eu ir no banheiro?". Tem hora que ele quer falar e não sai. Porquê que não sai, né?. (...) então eu digo "(...) agora o sr. faz o problema dele aumentar mais", né? O pai diz: "como é que ele escreveu e não lê?". Acho até que vai repetir o ano (...) pela lentidão e porque não lê.

- Mas ele escreve certo e faz a matemática certo. Mesmo que ele não lê em voz alta, você sabe que ele sabe, né?

- (...) eu tenho uma dúvida com ele! (...)

- (...) Você sente se tem dia que ele fica mais gago ou menos gago?

- Não percebo. Acho que é sempre a mesma coisa. (...) eles gostam até de ajudar, assim às vezes. Tem uma menina que às vezes copia

para ele os deveres (...), eles até gostam de colaborar com ele (...).

Entrevista B

- Você sabe alguma coisa sobre a família?

- (...) muito pobre, não tem recursos para pagar um tratamento (...): a reeducadora consegue [um local para tratamento] (...), mas a mãe não leva (...), a mãe tem esse problema também (...) e a irmã. A gente acha que não adianta a gente tentar aqui e em casa ele continuar escutando o mesmo jeito que ela fala e vai repetindo sempre. Ele passa mais tempo em casa do que aqui, né?

- E o pai?

- Nem conheço.

- Como é o contato da mãe com eles? Ela cuida bem das crianças?

- São tão relaxados, tão desprezados que... eu não sei se isso é cuidar bem!

- E aqui, como que é o desempenho dele?

- Ah não! Ele é muito interessado. Tem uma criatividade incrível. Apesar do problema de dicção, a gente pede para ele contar uma história, ele inventa, se sai muito bem, é bem criativo mesmo. O único problema dele é de dicção.

- Ele usa que mão para escrever?

- Direita.

- Prá fazer as coisas também? Você não vê nada diferente?
- Não.
- Tem algum problema de motricidade mais específico?
- Não.
- Está na reeducadora só pela fala?
- Sim.
- Com relação à turma ele é uma criança inteligente?
- Ah, sim! Tanto é que não era nem para estar nesta turma (...) não se deu com a professora (...), esta turma aqui é a mais fraquinha (...).
- Na matemática, como ele vai?
- De acordo com esta turma ele vai bem.
- Como é a relação dele com as outras crianças da sala?
- É boa. Ele é muito prestativo. Qualquer coisa que ele pode fazer pelos outros, ele vai. E muito sociável.
- E as crianças com relação à ele?
- Tudo bem. Até agora não vi nada de... problema.
- E quando ele apresenta gagueira, como que as crianças reagem?
- (...) dependendo da palavra que diz, até elas dão uma risadinha, mas prá ele, ele continua sério, dizendo o que estava sem problema nenhum. Mas até não por causa da gagueira, mas por causa do jeito como ele se expressa, os movimentos e...
- Como que é o comportamento dele?
- É calmo, prá mim é uma criança normal.
- Você acha ele tímido?

- Não. É bem extrovertido.
- Tem algum momento em aula que você sente que ele fica mais tenso, ou que ele gagueja mais?
- Não (...).
- Você costuma fazer leitura em voz alta?
- Sim. e ditado no quadro também. Então eles escrevem e depois lêem o que escreveram.
- E qual o teu objetivo na leitura em voz alta?
- O problema de dicção principalmente. Aprender a expressar melhor as palavras.
- E ele, como faz essa leitura?
- Ele tem esse problema, né? Eu peço a ele para repetir de novo, chega uma hora até, ele tenta e quase fala certo, mas o problema dele é dicção mesmo, né? (...).
- E ele se recusa a ler?
- Não! normalmente. Tanto é que quando peço: "Vamos contar uma historinha" ou "Vamos cantar uma música" ele é o primeiro a se prontificar sem vergonha e sem nada! (...).
- Quando ele gagueja, as crianças costumam ajudar a falar, ou cortar o que está falando, interromper?
- Não, de jeito nenhum. Acho até que para elas pode ser que seja normal, porque sempre escutam ele falar assim. Podem até notar uma diferença, mas não...
- E assim, pra você, o que você acha que é a gagueira?

- Prá mim? E como eu já conversei com a reeducadora. E em casa, né? Ele sempre escutou a pessoa a falar do jeito que fala, no caso a mãe, e ele começou a falar igual! Eu acho que seja isso, né?

- Você acha que essa é a causa?

- Eu acho que sim. Pode ser até que tenham outras causas, mas que eu desconheço.

- E a 1ª. vez que você tem aluno com gagueira?

- Sim.

- (...)

- Tinha até no início do outro ano um menino que tinha problema (...) e hoje em dia ele fala normalmente.

- Gagueira também?

- Sim, mas não era uma gagueira. Era mais um problema de trocar sílabas.

- O que você acha que a criança que tem gagueira, no caso o B, se sente?

- Acho que ele pode se sentir um pouco assim, como é que eu vou explicar! Porque retraído ele não é (...): de repente em certas ocasiões, em certos lugares ele pode ser até que fique assim..., se reprima um pouco. Mas em sala de aula, não.

- Que situações você acha que ele se reprimiria?

- De repente algum lugar que ele esteja (...) porque aqui ele age normalmente, entendes?

- E no recreio, como ele é?

- Sempre brincando.
- (...)
- Você tem alguma outra coisa que você quer falar?
- Se a gente pudesse fazer alguma coisa para ajudar ele, porque eu não posso, não tenho experiência para isso.
- Você consegue imitar ele em alguma situação?
- i... i... i... Acho que é gagueira, né?
- Ele repete palavras?
- Repete. Tem palavras que ele custa, algumas sílabas que ele custa decifrar.

Posteriormente fala da irmã de B que segundo a professora também tem gagueira. É mais velha que B e tem mais dificuldade na aprendizagem. Não se recusa a ler e até pede para ler.

Entrevista C

- (...) você sabe como é quando a pessoa gagueja...
- Sei (...)
- E teu tio que tinha gagueira?
- Na família meu tio. Na escola também já tive várias crianças.
- Você lembra de algum caso assim, que você queira me falar alguma coisa...

- (...) quando eu solicitava no grande grupo a presença dela, falar alguma coisa, ela se inibia, falava baixo, evitava. Mas com o meu procedimento eu achava que ia ser uma coisa normal, não ia ser uma coisa que eu tava chamando atenção dela perante o grupo, então aí eu comecei a fazer pequenos grupinhos, porque a gente trabalha em grupos. Então aí eu pedia, solicitava, ela respondia, até que conseguiu ficar confiante. Aí passou a se expressar, mas nesse meio tempo eu vi que ela tinha muita insegurança.

- (...) As crianças faziam alguma coisa?

- Não, não faziam nada.

- (...) era uma criança inteligente?

- Sim, acompanhava.

- Você lembra se ela tinha algum problema com questão de lateralidade (...) ?

- Não lembro (...), lembro que ela tinha (...) a gente fica nervosa quando vê assim eles. Porque dá vontade de chegar e... porque já sabe o pensamento, eles começam, tem o início, mas a gente já sabe o final, já sabe o que eles vão querer falar, então, mas isso é o que tu tens que passar pra eles, que tu não ficas nervosa, né, possa até ajudar (...)

- Com relação a essa criança que você teve, você fazia leitura em voz alta?

- (...) sim e gravávamos. Em casa com os pais a gente pedia para gravar e ela ouvir, repetir...

- Com todas as crianças?

- Com ela.
- Como reagia com a gravação?
- Não lembro. Quem orientou isso foi a psicóloga.
- E quando você fazia a leitura em voz alta, ela lia? Como que era a reação dela, lembra?
- Não me lembro.
- (...) na tua cabeça, sem pensar em coisas que você leu ou não leu, o que você acha que é a gagueira?
- (...) no desenvolvimento, né, desde o feto, desde que é embrião, tá no desenvolvimento mesmo, acho que é a falta de alguma coisa.
- Em que nível?
- Nível mental.
- Orgânico ou emocional?
- Tem essa gagueira que eu acho que é no campo do crescimento, que faltou alguma coisa e tu vais ter que reforçar assim como várias pessoas normais em alguns pontos falham, né? Mas existe por exemplo a gagueira emocional! Isso é o mais comum, eu acho. Rejeição, até mesmo o feto quando a mãe rejeita, ou em casa a separação dos pais, qualquer motivo assim que prá gente pode não ser nada, prá criança representa alguma coisa muito grande, éla pode apresentar esse tipo de sintoma. Pra mim assim, né?
- Sim, pra você. E quando não é emocional você acha que falta o quê?

- (...) por exemplo na aquisição da linguagem tem os processos, né, (...) é como a gente ouve falar assim que as pessoas adquirem o conhecimento através de etapas, de repente uma dessas etapas ela falha ou precisa ser mais motivada (...).

- (...)

- (...) como lidar, é o mais difícil. A gente vai muito como mãe (...), que vai e cuida e dá certo e às vezes não dá certo, esse é o perigo (...); eu aprendi com minha mãe, de gago, né, quando o tio era, então ela dizia que tinha que ter calma (...), espera, mesmo que a gente queira, em algumas horas pode ajudar, mas não que a pessoa sinta que..., a outra já está ficando agoniada com ela, acho que isso aumenta mais a tensão, a ansia de se expressar, mas não que sentava e falava: "isso você vai ter que fazer porque é o certo".

- Você acha que é assim que tem que lidar então, com uma pessoa que tem gagueira, desse jeito que você falou?

- E o que eu sei até agora.

- Sim, o quê você sabe, tá. Outra pergunta: você acha que a gagueira tem cura?

- Eu acho que depende primeiro do tipo de gagueira. Uma gagueira emocional (...), eu acho que tem cura. Esse meu tio não sei se foi de fundo emocional (...), mas até hoje ele é (...); se tu sabes tu notas, e se tu não sabes, com muito tempo depois tu vais notar (...): vestígio vai ter. De repente o problema que causou isso não foi solucionado, né.

- Como você acha que a pessoa que gagueja se sente?

- Horrível! Deve ser horrível. Dependendo a não ser da pessoa, porque tem pessoas que são, meu Deus! Apresentam problemas físicos e não tão nem aí, né (...) como essa pessoa reage bem a isso, né? (...) agora, depende muito da pessoa. Dependendo da pessoa, não pode enquadrar numa coisa por exemplo: todos os gagos são isso, temos que agir de tal forma. Acho que é diferente. Como tem crianças que são mais extrovertidas, mais tímidas, a gente tem que saber jogar, né, cada uma é diferente.

- (...)

- (...) você se sente nervosa?

- Ah, sim, ham, ham.

- Por que você acha que fica assim?

- Não sei (...) que dá um nervoso, dá. A gente fica com vontade de... de ajudar, mas de repente estamos atrapalhando! Eu acho que quem lida também com gago devia saber (...) se a pessoa é uma pessoa que tenha condições prá isso (...) se de repente vai passar uma coisa assim mais, um nervosismo maior, uma ansiedade maior. Isso a gente vê até em aula, quando a gente vem prá sala (...) a gente esquece de tudo quando tá aqui, mas de repente um problema maior do que aquele que estás habituada a ter em casa (...) tu já transmite isso, sem falar nada (...) então tu já passa isso prá eles, eles já ficam agitados, eles já não dão mais certo (...) é uma confusão só.

- Se você ajudar, você acha que atrapalha.

- Isso, de repente tu acha que tá ajudando, não sei se dependendo do tipo da pessoa (...), eu sou uma pessoa muito, gosto de rir, de falar, de gesticular... assim de emoções. De repente prá esse tipo de pessoa, não sei se é o certo isso. Se vai facilitar na linguagem do gago, no caso. De repente eu tô falando e ele tá ficando mais nervoso ainda, porque eu também transmito isso sem querer transmitir, né?

- Na verdade você tem até um pouco de dúvida, né.

- E, tenho, tenho realmente (...), nos colégios assim que ditos prá crianças normais, dentro dessas tu pegas uma, duas, que fogem do esquema; de anos de trabalho [12 anos], aí tu ficas meio que, será que realmente tá certo o que eu tô fazendo?(...) porque no dia a dia tu não fosses preparada para isso, eu acho que em todas as atitudes deve ter uma confirmação. Com meus alunos eu sei o que eu posso fazer e o que não posso, sei que tô fazendo certo e quando estou fazendo errado (...), mas depois dá chance prá tu voltar atrás porque são crianças normais. De repente uma atitude dessa com uma criança, qualquer criança que foge, aí de repente não dá para voltar nunca mais!

- (...)

Entrevista D

- É uma criança que eu tenho na catequese (...). É gaga, mas não é inibida, ela conversa com todo mundo, é até das crianças que mais gostam de ler (...).

- Que idade ela tem?

- Ele tem 14, 12 anos. É a 1a. vez que eu tive contato com uma criança gaga.

- Você sabe imitar um pouco ele aqui? Algum momento, alguma situação?

- (...) quando ele vai falar, quando ele tá nervoso aí não sai nada. "Po po po professora, eu queria...". Ele fica enrolando, enrolando. "Calma D!". Aí depois que ele vai falar. E o que eu percebia é que lendo ele não fala gago.

- Lendo ele não gagueja?

- Não. Só quando ele conversa com a gente. Principalmente quando é de turma, mesmo que ele se sente à vontade, eu sinto que começa a gaguejar como se tivesse com vergonha de tá falando.

- Quando ele tá em turma como?

- Quando a gente tá na equipe da catequese, em reunião, ele gosta de participar, tá? E ele participando, eu percebo que ele começa a gaguejar!

- Ele fala no grupo?

- (...) não sei se é normal a gagueira dele assim exagerada, ou é vergonha de aparecer no grupo. Só que eu me questiono porque se fosse vergonha, ele não levantava o dedo para participar.

- E quando ele tá só com você ele também gagueja?

- Sim, mas no grupo é mais.
- E qual é a reação do pessoal quando ele gagueja?
- No início era de riso. Sabe, agora é que a turma tá aceitando (...); com o tempo fui educando eles que não, que era normal, até... na catequese eu falei de Moisés que era gago e Deus escolheu ele, aí a turma começou a elogiar mais ele, coincidiu, né (...). Então parou. Ele fala normalmente com todos e parou o excesso de riso também.
- Eles ajudam ele a falar?
- Ah, não percebi.
- Eles têm a mesma idade que ele?
- Sim.
- Meninos e meninas?
- Sim.
- Você percebe se tem alguém que rejeita ele?
- Não, todos colaboram com ele.
- Colaboram de que forma?
- Todos respeitam ele (...). Nunca ouvi reclamação dele, que alguém tenha batido nele, que alguém imite ele falando gago.
- E ele também não se isola?
- Não. Muito participativo. Até agitado demais.
- Você tem atividade de escrever?
- Temos.
- Você percebe se ele tem algum problema de usar a mão direita ou a mão esquerda?

- Nunca percebi.
- Sabe alguma coisa da família dele?
- Os pais são separados (...), o pai bebia muito (...), o irmão também é meio desligado da família (...).
- Da escola você tem algum dado?
- Não (...), eu acho que ele tá na 4a. série.
- Você acha que ele é inteligente em relação à turma?
- Eu acho que não.
- O quê você pensa sobre isso?
- Sinto dificuldade neles na escrita, na interpretação, aí não é só dele (...).
- O quê você acha que causa a gagueira? O quê você pensa que pode causar a gagueira?
- Eu acho que deve ser um susto que a mãe grávida leva, tá, ou algum problema que a criança tem ao nascer, ou às vezes até algum problema durante a infância dela poderia causar.
- Você acha que pode ser uma coisa mais orgânica, mais emocional...
- Eu acho que emocional.
- Você acha que a gagueira tem cura?
- Acho que tem. Pelo menos eu acredito que tenha.
- Como você imagina que a pessoa que gagueja se sente?
- Eu imagino que ela deva sentir vergonha, vergonha de falar (...) ele participa tanto!
- Você fica em dúvida.

- E, fico, porque ele parece que ele é normal! Eu acho que pela criança que tenho contato, acho que não é vergonha não, porque ele se destaca muito na turma!

- Ele comentou alguma vez com você sobre essa gagueira?

- Não. Ele falou que a mãe dele batia com a panela..., é uma simpatia. Batia com a colher de feijão na boca dele, pra ver se ele parava de gaguejar, mas nunca conseguiu.

- Quando ele te contou isso como que você o sentiu? Contou numa boa, contou nervoso?

- Contou numa boa. Eu não sei se a gagueira dele é de... de infância. Porque ele falou alguma coisa prá mim e eu não tô lembrada. Mas acho que foi algum fato emocional que fez com que ele se tornasse gago. Acho que ele não foi sempre gago não.

- Você acha que tem gago que nasce gago?

- Eu não sei te dizer.

- Você imagina que possa existir?

- Eu acho que pode, né? Nesse assunto eu sou bem-neutra (...).

- Como você acha que deve ser a atitude de quem escuta?

- Paciência. De olhar no fundo dos olhos da criança para ela notar que realmente tá demonstrando interesse pela conversa. Ter muita paciência. Escutar realmente. E ele demora muito a falar, e às vezes é preferível pra gente cortar, né, "ah, a tia já entendeu, tudo bem" do que deixar a criança se expandir, terminar a frase ou terminar aquele assunto que ela queria te falar (...).

- (...)

- Como que você faria isso, de deixar ele calmo?

- E porque ele chega já agitado (...), começa a falar tudo, eu não entendo. Então: "Calma. Agora fala com calma o que tu queres dizer prá mim". Aí ele fala normalmente. E hábito da gente falar rápido, e ele também pra ti não perder muito tempo, pra escutar (...).

- (...)

- E aí ele consegue falar? Aí ele não gagueja?

- Não (...) só quando ele faz alguma pergunta surge a gagueira (...) ou quando eu pergunto e ele não pensa antes de responder. Porque eu noto que tem alguma coisa que ele fala sem gaguejar. Tem frases que ele conversa contigo e não gagueja. Mas sempre alguma coisa gagueja.

- Você sente que tem dia que ele piora?

- A gente só se vê no sábado.

- Tem sábado que ele gagueja mais?

- Isso é difícil eu te responder.

Florianópolis, de agosto de 1990

ambiente escolar

Caro(a) colega:

Este questionário tem como objetivo fornecer subsídios para um trabalho de pesquisa a respeito da criança com gagueira na escola.

Para isso, solicito sua valiosa colaboração e que o responda de forma clara e objetiva.

Caso haja disponibilidade de sua parte em prosseguir colaborando com este trabalho, poderemos ter um encontro pessoalmente para aprofundarmos nossa pesquisa.

1) Você já teve algum(a) aluno(a) gago(a)? () sim () não

2) Você tem atualmente algum(a) aluno(a) gago(a)? () sim () não

3) Como você reconhece que uma criança é gaga?

4) Como você acha que deva ser a atitude do(a) professor(a) com a criança que gagueja?

5) Você tem alguma dúvida com relação à gagueira? () sim () não

Em caso afirmativo: Quais?

vire →

6) Você acharia importante uma orientação mais específica em como agir em situações onde a criança gagueja?

() sim () não

7) Seu conhecimento sobre gagueira provém de:

() formação (magistério)

() leituras

() cursos

() televisão

() contatos com especialistas

() outros:.....

() nunca vi nada a respeito

8) Você gostaria de colaborar mais nesta pesquisa partindo para uma conversa mais direta e possível observação em sala de aula? () sim () não

9) Deixe por gentileza seu nome, classe e escola para contato.

10) Se você desejar fazer alguma observação a respeito do questionário sobre a gagueira ou algum outro assunto, coloque neste espaço.

Solicito que este questionário seja devolvido o mais breve possível para facilitar a pesquisa.

Muito grata desde já pela sua colaboração

Marta Maria Chiquetto-fonoaudióloga
bolsista da CAPES pela UFSC

Referências bibliográficas

- ANZIEU, A. Da carne ao verbo: mutismo e gaguez. In: ANZIEU, D. et al. Psicanálise e linguagem - do corpo à palavra. Lisboa : Moraes Editores, 1979. cap.4, p.117- 146.
- BOUTON, C. F. O desenvolvimento da linguagem. Lisboa : Moraes Editores, 1977. p.285-403: O desenvolvimento patológico da linguagem.
- CHOKLER, M. H. Los organizadores del desarrollo psicomotor - del mecanismo a la psicomotricidad operativa. Buenos Aires : Cinco, 1988. 218p.
- DINVILLE, C., GACHES, L. La disfemia. In: LAUNAY, C., BOREL - MAISONNY, S. Transtornos del lenguaje, la palabra y la voz en el niño. 2. ed. Barcelona : Toray - masson, 1979. p.339-377.
- EISENSON, J. Language and speech disorders in children. New York : Pergamon Press, 1986. p.57-75: cap. 5, Dysfluency disorders: cluttering and stuttering.
- FENICHEL, D. Teoria psicanalítica das neuroses. Rio de Janeiro : Atheneu, 1981. p.291-302: cap. 15, Conversões pré - genitais.
- FERREIRA, A. B. de H. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro : Nova fronteira, 1975. 1499p.
- FRIEDMAN, S., MELO, I. R. A. S. Sobre o desenvolvimento da linguagem e da gagueira. [S.l. : s.n.], 1983. 66p.
- _____. Gagueira: origem e tratamento. São Paulo : Summus, 1986. 143p.
- _____. Cartas com um paciente (co-autor) - um processo de terapia para a gagueira. São Paulo : EDUC, 1988. 71p. (Distúrbios da Comunicação, 3).
- GOTTWALD, S. R., GOLDBACH, P., ISACK, A. H. Stuttering: prevention and detection. Young - Children, Washington, v. 41, n. 1, p. 09-14, nov.1985.

- HEBERT, R. Tartamudez, farfuleo, transtornos de la articulación y transtornos de la voz. In: RONDAL, J. A., SERON, X. (Orgs.). Transtornos del lenguaje, II. Barcelona : Paidós, 1988. p.313-358.
- HOIJER, H. A origem da linguagem. In: HILL, A. A. (Org.). Aspectos da linguística moderna. 2. ed. São Paulo : Cultrix, 1974. p.53-61.
- IRWIN, A. Gagueira - uma ajuda prática em qualquer idade. São Paulo : Martins Fontes, 1983. 149p.
- JAKUBOVICZ, R. A gagueira - teoria e tratamento de adultos e crianças. 2. ed. Rio de Janeiro : Antares, 1983. 205p.
- JOHNSON, W., BROWN, S., CURTIS, J. Speech handicapped school children. 3. ed. New York : Harper e Row, 1967. p.229-329: cap. 5, Stuttering.
- KANNER, L. Tratado de psiquiatria infantil. 2. ed. Santiago : Zig-Zag, 1951. 795p.
- LAUNAY, C. Farfuleo. In: LAUNAY, C., BOREL - MAISONNY, S. Transtornos del lenguaje, la palabra y la voz en el niño. 2. ed. Barcelona : Toray - masson, 1979. p.374-377.
- MASTRANGELI, V. D' ERASMO, P. Correção psicofônica da gagueira. [S.l. : s. n., 19__]. 69p.
- MEIRA, M. I. M. Gagueira: do fato para o fenômeno. 2. ed. São Paulo : Cortez, 1986. 144p.
- MIRANDA, M. G. O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. In: LANE, S. T. M., CODO, W. (Orgs.). Psicologia social - o homem em movimento. 8. ed. São Paulo : Brasiliense, 1989. p.125-135.
- NOVO Michaelis. 3. ed. São Paulo : Melhoramentos, 1961. 1123p.
- PICHON - RIVIÈRE, E. O processo grupal. 3. ed. São Paulo : Martins Fontes, 1988. p.47-55: Grupos familiares. Um enfoque operativo.
- SCLIAR - CABRAL, L., MARTIM, E. G. P., CHIARI, B. M. Fenômenos de pausa e hesitação em língua portuguesa. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGUISTICA, 4, 1981, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro : PUCRJ, 1981. p.124-141.

- SPINELLI, M. Foniatría. 2. ed. São Paulo : Moraes, 1983.
p.99-109: Disfluências.
- TABITH JUNIOR, A. Gagueira. São Paulo : PUC/Centro de Educação,
[19__]. 15p. Apostila.
- TRAVIS, L. E. Patologia de lenguaje. In: MURCHISON, C. (Org.).
Manual de psicología del niño. 2. ed. Barcelona : Francisco
seix-editor, 1955. p.816-839.
- VAN RIPER, C. Speech correction. Principles and methods. 2. ed.
New York : Prentice-hall, 1947. p.265-315: cap. 10,
Stuttering: its nature and causes.
- WEST, R., ANSBERRY, A. The rehabilitation of speech. 4. ed.
New York : Harper e Row. 1968. p.115-130: cap. 5, Stuttering.